

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

**Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão –
COGEAE**

Especialização em Roteiro em Áudio e Audiovisual

GLÉSSIA VERAS

DANTON

São Paulo

2012

GLÉSSIA VERAS

DANTON

Memorial apresentado à Banca examinadora da
COGEAE-PUCSP como exigência parcial para obtenção
do Certificado de Especialização em Roteiro em Áudio e
Audiovisual.

Orientador: Profa. Dra. Elisabete Alfred Rodrigues

São Paulo

2012

GLÉSSIA VERAS

DANTON

Memorial apresentado à Banca examinadora da
COGEAE-PUCSP como exigência parcial para obtenção
do Certificado de Especialização em Roteiro em Áudio e
Audiovisual.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Elisabete Alfred Rodrigues (Orientador)

Prof.

Prof.

À Idishe Mame, por ser a medida perfeita do amor, paz e carinho que dão o tom às minhas histórias.

AGRADECIMENTOS

À Cris (Ana Pedra), por todos os cafés na Paulista, os filmes, as peças, os livros, as conversas e tudo aquilo que compartilhamos que fez a paixão pelos roteiros fosse alimentada a cada dia.

À Áthila Pereira Pela que me faz sorrir todos os dias, fazendo acreditar na amizade verdadeira.

Às professoras Carmem Lúcia José e Elisabete Alfred Rodrigues que, com a criação desse curso e a condução tão dedicada de seus trabalhos, fizeram-me acreditar ainda mais no poder transformador da literatura e do cinema.

A todos aqueles que zombam e debocham da minha carreira de roteirista que, com suas almas vazias e seus desejos embolorados, fizeram-me forte para chegar até aqui.

A todos, muito obrigada.

“Sou livre para o silêncio das formas e das cores.”

Manoel de Barros

RESUMO

A inserção do novo na infância como as diferenças que existem em cada indivíduo apresentadas através do daltonismo propõe uma peculiar reflexão sobre a inclusão desse tema para as crianças que é dotado de intertextualidade e sentidos. Este trabalho aborda no roteiro criado um lugar privilegiado onde são trabalhados os conteúdos do imaginário mais profundo do inconsciente, por meio de símbolos, imagens e diferentes linguagens, unidas as narrativas infantis que constroem experiências humanas, imagens e um sistema de valores considerados atrelados as possibilidades do percurso narrativo da literatura infantil, contados na trajetória de um garoto daltônico que tenta vencer as barreiras entre o preconceito, a falta de informação sobre o tema e as possíveis causas que influenciam todo um contexto a refletir de forma positiva ou negativa para a formação infantil ao lidar com as diferenças e os dramas pessoais. A partir de um levantamento feito em alguns contos de fadas e também em histórias contemporâneas, foi traçado o perfil do personagem e o cenário adequado para ambientar a trama que dá espaço ao tema do daltonismo. Desse modo, procurou-se refletir sobre esse assunto, assim como a inclusão social, o papel da família na construção da personalidade da criança e a busca individual para crescimento de cada um, a partir de uma narrativa que parafraseia o lúdico no gênero de animação, provocando novas relações de sentido para o daltonismo na infância.

Palavras-chave: Daltonismo, Diferença, Infância, Roteiro.

ABSTRACT

The insertion of the “new” in childhood as differences that exists in each individual by daltonism proposes a peculiar reflexion about the inclusion of this theme for children that is provided with senses and intertextuality. This paper focuses on the script created a privileged place where the contents are worked deeper imagery of the unconscious through symbols, images and different languages together the narratives that build children’s human experiences, images and a system of values considered the possibilities linked the narrative journey of children’s literature, counted the trajectory a colorblind kid who tries to overcome the barriers of prejudice, lack of a positive or negative for training children to cope with the differences and personal dramas. From a survey of some fairy tales and contemporary stories also, to draw the profile of the character and setting appropriate atmosphere for the plot that gives space to the subject of daltonism. Thus, we tried to reflect on this issue, as well as social inclusion, the role of family in building the child's personality and individual search for growth of each, from a narrative that paraphrases the ludic in the genre of animation provoking new relationships of meaning for daltonism in childhood.

Keywords: Daltonism, Difference, Children, Screenplay.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. A CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO: DANTON.....	13
1.1 Story Line	13
1.2 Sinopse.....	13
1.3 Perfil dos personagens	13
1.4 Descrição dos cenários.....	25
1.5 Argumento	31
1.6 Escaletas.....	38
1.7 Roteiro Danton.....	44
2. A METALINGUAGEM DO PROCESSO CRIATIVO	79
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
4. BIBLIOGRAFIA.....	84
5. FILMOGRAFIA.....	85
6. ANEXOS.....	86

INTRODUÇÃO

Este trabalho constitui um memorial sobre a introdução das diferenças e seus atos dependentes na infância, representados a partir da inserção do daltonismo, “distúrbio visual que consiste na incapacidade de perceber certas cores”, (FERREIRA, 2009, p.284), na construção de um enredo e narrativa para linguagem da criança, traduzido em roteiro infanto-juvenil.

Para a construção literária e poética da proposta desenvolvida foi utilizada a estrutura linear de contos de fadas que têm se perpetuado há milênios, atravessando todas as geografias, mostrando a força e perenidade que os mais diversos temas que permeiam a infância podem ser atrelados à história de um indivíduo. Isto ocorre porque os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, elemento no qual está pautado a maior parte dos subsídios constituintes da trama. Por intermédio da fantasia o enredo lida com emoções que qualquer criança viveu. A história investe em um problema vinculado à realidade e desequilibra a tranquilidade inicial, assim abre espaço para o desenvolvimento da narrativa que consiste em buscar soluções, introduzindo elementos mágicos, enquanto o desfecho se dá com a restauração da ordem, quando há uma volta ao real selada pelo elemento lúdico. Dessa forma, assim como nas histórias de ficção infantil que seguem essa trajetória, aceita-se o potencial imaginário da criança, mas transmite a ideia de que ela não pode viver apenas no mundo da fantasia, sendo necessário o retorno à realidade e a busca e concretização do objeto tema, no caso em questão, a aceitação do daltonismo e a convivência com as diferenças nesse período da vida.

O personagem principal é uma criança que segue o perfil dos protagonistas de conto de fadas: é cativante e sua trajetória destrói, acima de tudo, as dúvidas sobre o seu passado, presente e futuro, independentemente do desenrolar do texto, pois a sua estrutura é construída para favorecer o encantamento da história, que depende em grau considerável de a criança espectadora qualificar o personagem como diferente o suficiente para não fazer parte da mesma esfera real que a sua, mesmo que todo o conjunto de composição do personagem suponha o contrário. Já a interpretação adulta para essa narrativa, por mais correta que seja, e não tenha a oportunidade de sentir o mesmo entrosamento com a trama como uma criança, pois o ser humano cresce, encontra sentido na vida e segurança em si mesmo por ter entendido ou resolvido problemas pessoais por sua conta e não por terem sido explicados por

outros, poderá por si só, em repetidas audições e rumações acerca da história, identificar o tema e as semelhanças verossímeis com a sua própria realidade que estão presentes nos *sub plots*, como o desentendimento, conversas mal interpretadas, reconciliação e arrependimento.

Esse trabalho apresenta uma abordagem diferente das histórias de contos de fadas, no sentido que utiliza do tema pouco discutido como mote para propor contemporaneidade ao roteiro, subvertendo-o, transformando e adaptando-o à atualidade. É possível perceber que existe uma mudança de paradigma que subverte o foco antes no personagem principal enquanto elemento isolado, para o assunto abordado em conjunto. O que mostra que as verdades e valores podem mudar de acordo o objetivo literário da obra. Bakhtin (1999, p. 31) assim registra a marca ideológica nesta narrativa:

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo.

Por isso Bakhtin (1998) também afirma que a palavra é produto da interação social, caracterizada pela pluralidade. É o lugar privilegiado para a manifestação da ideologia: retrata as diferentes formas de significar a realidade, segundo vozes, pontos de vista daqueles que a empregam. Dialógica por natureza, a palavra se transforma em arena de lutas de vozes que, situadas em diferentes posições, querem ser ouvidas por outras vozes. Para o autor não há discurso individual, pois todo discurso se constrói em função de outro, todo discurso se constrói no processo de interação real e imaginária, como ocorre com o personagem principal, Pedro Otávio Danton que personifica o discurso do primeiro contato com um drama próprio durante a infância que parece em primeiro plano pertencer somente a ele, mas que na realidade se constrói em função dos outros que ali completam o seu círculo social.

O processo de construção desse personagem foi realizado a partir da estrutura de análise de tipos apresentada pelo autor Vladimir Propp no livro *Morfologia Conto Maravilhoso*, que faz um estudo da estrutura fixa que dá vida a Pedro Otávio: o herói recebe a notícia de um dano/carência; o herói deixa a casa; o herói é submetido a uma prova; o herói e o meio mágico; o dano ou carência inicial é sanado, trazendo à narrativa um novo equilíbrio.

As narrativas do segundo grupo são produzidas fora desse padrão para priorizar o estilo único do personagem principal, e desenvolvem-se no cotidiano (animais distantes do estereótipo de sua espécie, tempo e espaço reconhecíveis, familiares, objetos mágicos, cenários inusitados, etc.) e tem como eixo gerador uma problemática social que é a inclusão

por parte das escolas, a função familiar, a inclusão por meio da sociedade e aceitação por parte do indivíduo. Trata-se sempre de um desejo de auto-realização de Pedro Otávio de ser compreendido no âmbito social e o desejo de conquistar espaço, igualdade e reconhecimento, sendo esse o ponto de partida para a aventura que gera a busca.

Sendo o projeto em questão uma produção para mídia audiovisual, em animação média-metragem com duração aproximada de 35 minutos e sua estrutura construída para o gênero animação que tem como alvo o público infanto-juvenil, esse roteiro reduz as falas dos personagens, economiza palavras e usa da linguagem imagética e do movimento para traduzir seus pontos de vista de forma inclusiva e instantânea.

A projeção do código cinematográfico sobre o literário-infantil é uma forma de a gestualidade, a fusão e a simultaneidade das formas orais penetrarem no espaço narrativo, porém agora amplificadas pelo atributo tecnológico que, do presente, reverbera ao artesanal do passado e o transforma, revitalizando-o. (PALO; OLIVEIRA, 2006, p.61)

Como forma de pesquisa social para adquirir embasamento para a construção do personagem principal e a abordagem do tema daltonismo, foram realizadas de agosto a novembro de 2011 pesquisas de campo e entrevistas reais e documentadas (anexadas a este projeto) com daltônicos que se propuseram colaborar com este roteiro concedendo entrevistas sobre o tema daltonismo e respostas que condiziam a sua própria trajetória, seguindo um formulário de perguntas com um modelo pré-adotado para todos os participantes. Muitas características do personagem, assim como situações foram extraídas a partir dos relatos obtidos nas entrevistas realizadas durante o processo de produção deste trabalho.

Para a construção do personagem também foram utilizadas referências literárias das obras: *“Um guri daltônico”*, Carlos Urbim, e *“Tangerine-girl”*, Rachel de Queiroz como forma de homenagear o primeiro pela iniciativa precursora de abordar o tema, e a última pela poética do conto que inspirou esse roteiro.

1 A CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO: DANTON

1.1 STORY LINE

Um garoto daltônico sofre com os problemas e limitações impostos pela sua dificuldade em relação às cores e usa da sua imaginação ilimitada para transformar um pequeno episódio relacionando um bilhete, sua família e a sua própria vida em uma aventura para conhecer novos amigos e possibilidades de lidar com as diferenças.

1.2 SINOPSE

No ápice de sua infância, Pedro Otávio tem encontrado mais do que nunca dificuldades de lidar com o daltonismo e viver em harmonia com as diferenças que o cerca. Após uma série de episódios com notas ruins e diante da dificuldade do garoto em lidar com as cores a professora da escola convoca a mãe para uma reunião esclarecedora. Após esse encontro enquanto os pais discutem a melhor forma de lidar com o daltonismo do filho o garoto escuta somente trechos da conversa e cria um mal entendido de tudo o que ouviu. Com a sua mente fértil, Pedro Otávio acredita que será descartado pelos pais por ter um ‘defeito’ e irá para em uma cidade de objetos sem serventia. Desesperado com a situação criada por ele mesmo, o garoto elabora um plano e foge com seu cachorro amigo a bordo de um dirigível em direção ao arco-íris e em busca de uma árvore que realiza desejos.

1.3 PERFIL DAS PERSONAGENS

PEDRO OTÁVIO

Ele era apenas uma pequena bolinha em forma de gente ou vice e versa, quando ocupou o berço de madeira esculpido especialmente para a sua chegada. No colo caloroso da mãe abriu os olhos pela primeira vez e a imagem inaugural foi do enfeite de berço balançando com o vento pendurado em um arco, várias bolinhas coloridas cintilavam e produziam uma música ao se esbarrarem que com o tempo se tornaria familiar. O mensageiro dos ventos ao longo dos anos saiu do berço e foi para a janela, mas a lembrança da primeira visão que teve na vida acompanharia o menino para sempre, talvez porque fosse a primeira ou até mesmo porque no decorrer da sua trajetória ele teria a visão que tem das cores sempre atrelada a fatos importantes.

Logo nos primeiros anos de vida seus pais perceberam que o filho demonstrava certa diferença na hora de lidar com as cores, algo que não parecia muito preocupante, no entanto, era muito peculiar, o menino costumava falar as cores trocadas: o que era de uma cor ele dizia ser de outra, e de outra e outra, para ele a cor nunca era a que os pais diziam. O tempo foi passando e os pais passaram a achar que era teimosia, depois molecagem, mas no fim perceberam que ele não estava brincando. Levaram-no ao médico e descobriram que o menino tinha um negócio chamado daltonismo. O médico garantiu que não era contagioso e nem ia avançar, mas não tinha cura. O mal de errar as cores tinha nascido com o pequeno e os pais teriam que ajudá-lo a lidar com isso.

Então ele cresceu e, se tornou um garoto muito bonito, magro na medida certa e crescendo na medida certa, como as sardas que enfeitam o seu rosto tão branquinho, um contraste com os cabelos alaranjados vibrantes. Hoje aos oito anos de idade Pedro Otávio que nasceu e vive numa cidade chamada *Mundo*, um lugar muito distante de tudo – não se sabe muito sobre a descendência dos moradores do pequeno pedaço de terra, mas histórias sobre as suas raízes e fundação é o que não faltam –, e ele adora morar nessa cidade colorida e diferente, onde pretende viver durante muito tempo assim como os seus pais.

Pedro Otávio que está no terceiro ano do Colégio *Tem-que-aprender*, adora estudar, e sua matéria preferida é história, ele gosta tanto da disciplina que no futuro pretende se tornar um historiador para pesquisar e registrar a história do lugar onde vive. Ele só não gosta de artes plásticas, pois sempre leva bronca dos professores na hora de fazer as atividades, e das chacotas que tem que aguentar dos colegas de sala. Pedro Otávio sabe ler muito bem para um garoto da sua idade, tanto que um dos seus hobbies é ler e colecionar recorte de jornais.

Ele também adora brincar, ficar na casa do pé de laranjeira, ouvir e contar histórias. Tem uma mentalidade muito fértil capaz de criar historietas fantásticas e algumas sem nenhum sentido. Gosta de cantar e dançar ao som da sua banda de Pop Rock favorito ‘Os esquisitões’. E gostava também de jogar futebol no time da escola, mas foi expulso do grupo por sempre confundir os jogadores dos times por causa da cor de suas camisas, passando a bola para o jogador do time adversário.

Detesta ser repreendido por confundir as cores, passar vexame ao comprar coisas com os tons errados e ser motivo de chacota de qualquer pessoa que deboche de seu daltonismo.

Esse garotinho tem a infância marcada pelos limites e constrangimentos que o daltonismo impôs na sua vida, e um deles é o de fazer amigos na escola, pois as crianças do colégio estão sempre satirizando as suas dificuldades, assim como os outros pequenos do bairro onde vive. Por isso seu melhor amigo é o cachorro Deobaldo, um grande companheiro que está sempre ao seu lado compartilhando de todas as aventuras e peripécias aprontadas.

Em casa tem um ótimo relacionamento com os seus pais, mas é especialmente próximo da mãe que conversa com ele, dedica tempo e atenção ao menino em tudo o que ele precisa, no entanto, em relação ao pai sente-se muito distante, uma vez que o pai pouco fala e nunca brinca com Pedro Otávio ou sequer distribuí sorrisos. Sua família tem um padrão de vida modesto, pois a renda da casa depende basicamente do trabalho de consertos de máquinas feito pelo pai e as guloseimas vendidas pela mãe, mas mesmo assim o garoto vive de forma confortável.

Ele veste-se bem e adequadamente com as combinações escolhidas pela mãe, já que ele não sabe diferenciar as cores, mas vira e mexe sai pelas ruas com as meias descombinadas e os cabelos despenteados sem que sua mãe o veja assim. Seu principal cacoete é o de remexer o nariz de um lado para outro quando ouve uma bronca, tem uma ideia ou está animado. Também tem mania de coçar os cabelos desgrehados.

Nunca viajou para fora da sua cidade, mas tem uma enorme vontade fazer uma longa viagem com o objetivo de conhecer todo o planeta terra. Pedro Otávio é um garoto muito precipitado que ainda não aprendeu a lidar com as suas deficiências, mas que acima de tudo é muito criativo, carinhoso, alegre, ingênuo e com o seu ímpeto aventureiro irá render muitas confusões e histórias.

MÃE

Os contornos que traduzem as palavras carinho e amor são desenhados na figura da mãe de Pedro Otávio. O sorriso e o brilho nos olhos são algumas das marcas dessa mulher de 48 anos, casada há 28 anos com o pai de Pedro Otávio.

De altura mediana, gordinha, pele branca, lábios pequenos e olhinhos apertados, é dona de um vasto colo e quadril, e sempre faz penteados com uma presilha nos cabelos ruivos. Quase sempre está com vestidos ou peças bordadas por ela mesma, repletas de flores e babados, além do meio-aventail de cozinha que é quase um uniforme do seu cotidiano.

Uma cozinheira de mãos cheias que é famosa por toda a cidade pelas guloseimas que prepara na cozinha da sua casa e vende sob encomenda para todos os moradores de *Mundo*. Ela, que na juventude, sonhava em se formar em gastronomia e trabalhar em grandes restaurantes como chefe de cozinha, hoje tem que se limitar a cozinha de sua residência e aos clientes de sempre. Mas não se lamenta, pois abdicou do seu sonho profissional para casar com o grande amor da sua vida ainda muito nova, o homem que além de amor e alegria lhe proporcionou a dádiva de ter um filho – uma conquista que levou quase 20 anos para ser alcançada, pois ela e o marido desejavam uma criança desde o ano em que se casaram e só conseguiram realmente tê-lo depois de 20 anos de tentativa, quando eles já acreditavam que não era mais possível conseguir essa benção.

Então quando Pedro Otávio nasceu e a vida dessa mulher se iluminou com muita felicidade, pois o bebê tão lindo e amado era um sonho em sua vida, e é por isso que ela se dedica tanto ao conforto da família e ao bem estar do filho único.

A rotina da mãe é atribulada: realiza todas as tarefas domésticas da casa, os cuidados com o filho, o marido, as compras da casa, recebe os pedidos dos fregueses de porta em porta, prepara as guloseimas e entrega. Participa também das reuniões das mulheres do bairro, das atividades escolares do filho, isso sem contar com os tricôs e bordados que faz em casa para ela mesma, e os dois homens da casa.

PAI

Um ex-militar aposentado que hoje se dedica no galpão de sua casa a consertar eletrodomésticos e quinquilharias de todo o tipo, mas que guarda na lembrança os bons tempos da ativa em que viajava muito e estava sempre entre uma batalha e outra. E foi no intervalo de uma dessas batalhas que ele e seu grupo que estavam perdidos sem descobrir a sua localização exata, foram parar em *Mundo*. Vindos de outros lugares, digamos, mais comuns, eles ficaram fascinados com toda a excentricidade daquele vilarejo, e toda a atmosfera mágica, algo tão diferente e encantador que parece ter penetrado todos aqueles soldados tão durões. Cada um deles conheceu uma linda jovem que deixou seus corações balançados, e o pai de Pedro Otávio foi um deles, assim que pôs os olhos naquela beleza de moça ruiva e com curvas fartas, não conseguiu olhar para nenhuma outra. Algo como paixão a primeira vista.

O amor foi tão contagiante que pouco tempo depois de namoro, eles já estavam casando para a alegria de toda a cidade que festejou a união da jovem com o militar de carreira promissora. Ele sempre precisava partir vez ou outra para batalhas, e deixá-la era um suplício, mas ela muito compreensiva estava sempre esperando por ele, e assim que voltava de seus dias de lutas ele trazia presentes e mais presentes dos quatro cantos do planeta para a sua amada.

Ele também sempre quis muito ter um filho, um herdeiro, um pequeno ‘homenzinho’ para quem ele iria ensinar tudo o que aprendeu no decorrer da sua vida, e eles iriam brincar muito e se divertir, cortar a grama do jardim juntos e o filho iria adorar ouvir as histórias do tempo de exército que ele iria contar, mas tudo foi um pouco diferente. Ele sempre acreditou que as suas constantes ausências para ir se apresentar nas batalhas eram o motivo para a esposa demorar para lhe dar o garoto que tanto queria, e foi se sentindo cada vez mais culpado, até que um dia ele finalmente se aposentou da carreira de militar, e passou a ficar mais tempo com a esposa e a benção do filho desejado finalmente foi vitoriosa.

Mas esse homem tão forte, e cheio de planos foi apagado pelo marasmo que a aposentadoria trouxe para a vida de uma pessoa que estava acostumada a atividades plenas e constantes. Ele se abateu muito, ficou deprimido e encontrou no galpão inaugurado para dar lugar a uma oficina, o refúgio para os seus pensamentos e lembranças de outrora.

Era algo muito confuso, a paixão pela esposa e o amor pelo filho continuaram o mesmo, só que ele cada dia mais se tornava uma pessoa reclusa nas reclamações e resmungos dentro do galpão de consertos. Mais parecia que preferia conversar com os objetos que dava

jeito do que com a família, só que não era isso, a nova fase da vida não havia sido bem inserida no cotidiano desse homem que passou a confundir os seus momentos de nostalgia, com o novo momento, entre aquilo que precisava e aquilo que teria que fazer para tê-lo. Tudo isso o afastou do filho, pois as conversas ficaram cada vez menores e menos intensas, e até da esposa que tentava entender e reverter o que acontecia, mas nunca tinha sucesso.

E esse homem muito magro, alto, pele clara, cabelos já grisalhos, cara fechada e olhar misterioso, estava sempre absorto em seus pensamentos, a consertar coisas ou a fumar o seu cigarro. Então ao alcançar os seus 55 anos de vida, ela sabia que não era mais possível agir da forma como vinha agindo nos últimos anos com a sua família, e era preciso dar mais atenção ao filho que agora precisava aprender a lidar com o daltonismo e todas as outras implicações do crescimento, e esse momento também era propício para voltar a ser ainda mais próximo da sua esposa do que já foi um dia e ajudá-la na educação do pequeno.

DEOBALDO

Deobaldo é cão companheiro do menino Pedro Otávio. Ele é cachorro da raça *'blimp'* que tem como características o pêlo amarelo gema e os bigodes e sobrancelhas fartos, mas também é bastante gordinho e tem olhos claros. Ele é um cachorro muito dinâmico, esperto e até parece entender perfeitamente tudo o que Pedro Otávio conversa com ele.

Apesar de se sentir enfeitiçado pelo aroma das deliciosas guloseimas feitas pela mãe do garoto, o cachorro só come ração própria para os cães da sua espécie, um tipo de cereais grandes e coloridos, e também tem a sua própria casinha e apetrechos próprios como bolinhas, bebedor de água, pratos para refeições e até um banheiro adaptado a sua moradia.

Sempre é lavado e escovado pelo pai de Pedro Otávio e imediatamente ganha uma gravatinha costurada pela mãe do garoto. Esse cãozinho que foi deixado à porta da casa deles quando Pedro Otávio tinha apenas dois anos de vida, estava em uma cestinha que trazia uma carta com um pedido que dizia: 'por favor, cuidem bem do Deobaldo, ele é uma beleza de cãozinho e precisa de um lar', deixado misteriosamente por alguém que não foi descoberto até hoje.

Além de grande amigo e companheiro de aventuras de Pedro Otávio, esse cachorro é querido por todos da casa, e ele será um grande apoio para o menino nessa fase de muita imaginação e também descobertas, uma vez que ele é o seu principal confidente do garoto.

LINO

Lino é um garoto daltônico assim como Pedro Otávio, mas os dois anos de diferença que tem em vantagem em relação ao seu novo amigo já o fez conhecer um pouco mais sobre o daltonismo e as melhores formas de lidar com isso nas dificuldades do dia a dia. Durante o início de sua infância ele também sofreu os mesmos problemas que Pedro Otávio está passando agora, por isso ele sabe aconselhá-lo bem com o discurso de uma criança, mas com a experiência de quem já sabe o desfecho dos fatos.

Ele é um menino um tanto mais alto que Pedro Otávio, pele clara, olhos e cabelos pretos como uma jabuticaba, duas cicatrizes nos joelhos, pernas finas, sorriso largo e um dente semi-quebrado – obra de uma queda da bicicleta.

Lino mora em *Belezinha*, uma cidade vizinha a pequena *Mundo*, mas que está empatada com a sua graça e peculiaridade. Lino assim como Pedro Otávio, é filho único e mora com os pais numa casa muito próxima a árvore dos desejos onde costuma brincar nos dias de calor. Ele está no quinto ano do Colégio *Aprendendo Todos Juntos*, gosta muito de cálculos e química – matéria que Pedro Otávio ainda sequer conhece, e pretende se tornar um engenheiro. Por ser um garoto muito introvertido, também tem dificuldades de fazer amigos e irá tornar o seu encontro com Pedro Otávio um pontapé inicial para uma grande amizade entre eles.

Ele veste roupas de cores muito neutras também escolhidas pela sua mãe que é professora de piano na cidade onde ele mora, e tem diversos brinquedos de madeira feitos pelo seu pai que é o marceneiro local.

Seu principal cacoete é bater os joelhos uns com outros e seus pontos em comum com o novo amigo são os gostos musicais, pois ele também é um grande fã da banda ‘Os Esquisitões’ e o lar refúgio construído ao lado de um pé de jabuticaba onde ele gosta de brincar e fazer as tarefas da escola.

NITO OVELHA

Rabugento, reservado e temperamental, assim é Nito Ovelha, um homem de meia idade, alto, magro, com um nariz grande e curvado e um cabelo semi-careca, divididos em três tufos cinzas; um no topo da cabeça e dois de cada lado que mais parecem lã. Na realidade a própria aparência do Sr. Nito como um todo lembra muito uma ovelha, até mesmo o cacoete que ele tem de bufar após atender os clientes se parece muito com os sons que as ovelhas emitem.

Ele é um criador da espécie em uma fazenda a poucos quilômetros do vilarejo. Dizem que lá existem ovelhas de todos os tipos, tamanhos e cores. É daí a origem das linhas de excelente qualidade que ele vende na loja de aviamentos *Zig-Zag de Mundo*.

O Sr. Nito se divide entre a fazenda, sua criação, sua esposa, a Sra. Mirtes Ovelha e a fábrica da família a ‘Linhavel’, onde é feita a finalização do pêlo das suas crias em linhas dos mais diferentes tipos. Engana-se quem pensa que depois de arrancados os pêlos as ovelhas do Sr. Nito tem o seu fim decretado, de forma alguma! Lá na fazenda desse homem tão carrancudo, as pequenas felpudas fazem o pêlo crescer com a mesma facilidade com que o perdem com o passar dos meses. Dizem também que elas conversam com o seu dono e que ele as entende, tendo até batizado cada uma com um nome. Muito atarefada a vida do Sr. Nito, não é? Fazenda pra cá, loja prá lá, esposa esperando, fábrica funcionando, deve ser por isso que ele é tão mal humorado.

TELEVISÃO

É um modelo antigo de 30 polegadas, daqueles cuja caixa é de madeira e os botões ficam localizados na frente do aparelho logo ao lado direito. Possui duas antenas, uma inteira e outra semi-quebrada, olhos grandes e vermelhos e uma boca com alguns dentes quebrados que ficam localizados no espaço onde antes era a tela. Enquanto objeto animado também

possui dois braços e dois pequenos pés, que não tem a aparência de membros humanos e sim de restos de sucata que foram moldados para se encaixar naquele espaço e tomar essa forma.

Essa televisão foi o primeiro item deixado em Lixocity, por isso hoje ela é uma espécie de líder das demais peças na luta em favor de seus direitos de não serem descartados pelos seus donos e abandonados em lixões.

A televisão realiza vários discursos e mobiliza os objetos companheiros a enfrentarem os moradores de *Mundo* para retornarem até os seus devidos espaços.

SR. SILÊNCIO

O Sr. Silêncio é um homenzinho azul, com uma barriga saliente, uma cabeça quase careca, se não fosse por alguns insistentes fios de cabelos pretos espalhados longe uns dos outros. Também tem um bigode preto, olhos pretos, um nariz achatado e um largo sorriso brilhante.

Ele costuma usar uma capa, também na cor azul com vários bordados brilhosos e com uma barra de pêlos brancos. Sempre está descalço e segurando o seu bastão que na realidade é um canudo de *Milk Shake* nas cores branco e vermelho.

Assim como as outras peças em Lixocity, o Sr. Silêncio também foi descartado naquele local. No passado, ele enfeitava a prateleira que ficava a vista logo na porta de entrada de um berçário numa maternidade. Em seu antigo lar ele reinava sobre o sono silencioso dos bebês e permanecia estático na prateleira segurando uma placa de sobreaviso alertando os visitantes para não quebrarem a regra máxima: o silêncio.

Dentro de si ele sempre foi um homenzinho com uma auto-estima além do normal. O Sr. Silêncio não cansa de dizer para si e para os outros de suas inúmeras qualidades, beleza e é claro o seu charme inigualável. Toda essa autoconfiança fez com que a sua ida para Lixocity não fosse encarada como um abandono e, sim, como um prêmio, ele entendeu tudo, finalmente fora reconhecido pelos tolos funcionários do hospital pela sua grandeza e então foi encaminhado para uma cidade com súditos sem um rei e que precisariam dele para governá-

los e impor as suas regras. E essas eram muito simples, ele gostava de silêncio. Fácil não? Tão fácil quanto chegar ao aterro e ser deixado ao lado de uma caixa de brinquedos velhos, em cujo conteúdo jazia uma capa velha e, então a sua ideia somente se fortaleceu e daí em diante, ele se apoderou da capa e passou a viver em Lixocity como um rei, um soberano, e até adotou de vez o nome, Sr. Silêncio.

OUTROS OBJETOS (DE LIXOCITY)

Os objetos figurantes de Lixocity são inúmeros eletrodomésticos, como geladeiras, fogões, televisões, forno elétrico, máquinas de lavar roupa, ferro de passar etc. Mas também ali estão brinquedos velhos e desgastados, quadros, restos de roupas, utensílios de vários tipos, bijuterias, livros, CDs e vinis. Todos esses objetos estão sujos, corroídos, abatidos e vivem em diferentes situações dentro da cidade das peças descartadas.

GALO SONÂMBULO

Uma espécie rara de ave que sofre com distúrbios do sono e vive a perambular nas madrugadas vestido de pijama branco com largas listras azuis, um gorro com a mesma estampa e chinelos. Inconsciente e com enormes olheiras nos olhos ele sai todas as madrugadas vagando pelas ruas de *Mundo* cantando uma música muito estranha – totalmente diferente do cantar de um galo comum – num longo intervalo de tempo.

Esse galo sonâmbulo vive em harmonia com os demais de sua espécie na colônia reservada para eles no vilarejo, mas todas as noites ele levanta de sua cama, sai pela casa, atravessa a portinha da colônia e sai por aí a cantar e andar por *Mundo* no mais profundo sono, e todos os dias retorna para a sua cama no mesmo horário – antes do sol nascer e acorda contando para os amigos os mais estranhos sonhos.

PROFESSORA DOMINGAS

Uma professora de história prestes a aposentar-se, mas que ainda não deixou para trás o dom de ensinar e encantar as crianças com os seus ensinamentos. Ela leciona há muitos anos no colégio onde estuda Pedro Otávio, o *Tem-que-aprender*, mas não é favorável a disciplina rígida da escola, pelo contrário, ela tenta inserir em suas aulas a dinâmica da liberdade e do aprendizado simultâneo, que é o que ela acredita que realmente irá influenciar no exercício dos pequenos.

A professora Domingas é uma mulher com quase 60 anos, baixinha, gordinha, negra e que já possui cabelos grisalhos. Tem um olhar muito gentil, assim como a sua voz, e um sorriso simpático. Ela nunca se casou, pois dedicou sua vida a ensinar as crianças que nasceram em *Mundo*.

VIZINHOS DA CASA ROSA

Um casal de jovens muito simpáticos e educados que vestem sempre roupas rosas e tem toda a decoração da casa nessa cor.

VIZINHOS DA CASA PRETA

Uma família de quatro pessoas: pai, mãe, e dois meninos. São uma família muito séria e reservada que usa sempre roupas pretas e dificilmente convida alguém para entrar em sua casa.

VIZINHOS DA CASA AMARELA

Na casa amarela moram dez pessoas: a mãe, o pai, o avó paterno, dois garotos (filhos do casal), quatro meninas (filhas do casal) e uma tia. São pessoas extremamente extrovertidas que gostam de dar festas e conversar com os outros vizinhos na rua.

VIZINHOS DA CASA MARROM

Um casal de idosos muito charmosos e carismáticos que fazem diversas benfeitorias pelo vilarejo e estão sempre dispostos a ajudar a quem for preciso.

1.4 DESCRIÇÃO DOS CENÁRIOS

CASA DE PEDRO OTÁVIO

(INCLUI OS CENÁRIOS: COZINHA, QUARTO DE PEDRO OTÁVIO, GALPÃO E QUINTAL)

A aconchegante e acolhedora casinha de madeira fora construída pelo pai antes do casório com a mãe. Muitos amigos também ajudaram e os detalhes exigidos pela nova senhora daquele lar eram muitos: uma cozinha ampla com armários e um forno a lenha, uma sala de estar média, ao menos dois banheiros e um lavabo, um quarto para o casal, um para os hóspedes e um para o filho que ela tinha certeza que um dia viria. Ela pediu também que todos os quartos tivessem varanda, que a área de serviço coubesse muitos organizadores e um espaço para colocar a tão sonhada máquina de lavar que um dia chegaria. Também que a casa tivesse uma fachada bonita, portão de entrada baixo e que especialmente toda a residência fosse rodeada por um jardim. E como um bom apaixonado o pai e seus amigos cumpriram a exigência da futura esposa.

Depois de casados ela se encarregou de decorar toda a casa com o enxoval já todo bordado e costurado por ela mesma, toalhinhas com babados para todos os cantos, cortinas estampadas, vasos de flores, papel de parede em quase todos os ambientes, pois ela achava essa coisa de papel de parede muito chique! Eles plantaram muitas rosas no jardim com a grama tão verdinha e um dos padrinhos de casamento deu as sementes do pé de laranjeira e tangerina que foi semeado antes da primeira noite de núpcias e cresceu muito, floresceu e frutificou, tanto que anos mais tarde daria lugar à casinha do pequeno herdeiro.

Dentro da casa impecavelmente mobiliada o quarto do futuro filho recebeu uma decoração com o tema ‘contos de fadas’, o papel de parede trazia a imagem dos personagens que a mãe havia conhecido nas histórias durante a sua infância e ia fazer questão de passá-las ao bebê. Todos os ambientes estavam sempre limpos e organizados, pois a mãe era muito zelosa e gostava de cuidar da casa.

O pai após ter atendido todas as exigências da esposa se contentou com o espaço que restara do terreno para construir a sua garagem e ao lado um galpão para servir para um futuro trabalho que ele pretendia fazer e complementar a renda da família. Depois veio a ideia de

uma oficina de conserto e o espaço ganhou prateleiras e mesa, e por fim ficou equipado para a tarefa.

Eles concordavam em tudo, exceto quando o assunto era a cor da casa: a mãe queria cores pastéis, o pai preferia as vibrantes, no fim entraram num consenso e optaram pelo cinza que não ficavam nem entre um nem outro.

CASA DO PÉ DE LARANJEIRA

A casa da árvore nasceu do desejo de Pedro Otávio ter um canto só seu, e que de preferência não fosse o seu quarto, algo mais reservado que carregasse a sua identidade. Aos cinco anos, ele e seu pai começaram a construção do futuro lar-refúgio.

Construída toda em madeira, a casa fica no alto dos galhos do pé de laranja e tangerina. É como se a casinha estivesse sendo abraçada pela árvore amiga. Da grama do quintal até a porta da casa há uma escada que contorna o pé de laranja como um caracol.

O espaço é relativamente amplo e tem desenhos e recortes de jornais espalhados por todas as paredes. No decorrer dos anos foi mobiliado com móveis que o pai encontrava para serem descartados nas ruas, mas que ainda estava em bom estado para uso.

MUNDO (CIDADE)

Mundo é uma cidade muito diferente, mas não somente pelo fato de ser extremamente colorida ou de suas casas terem os tetos fincados no chão e as portas voltadas para o céu, mas também por razão de toda sua arquitetura, com ruas simétricas, postes de iluminação que se curvam com o decorrer da noite, lombadas ajustáveis aos carros que passam por elas, e também a própria atmosfera do local.

Os pontos de ônibus são vistoriados por pombos que recolhem os bilhetes dos passageiros antes deles embarcarem e as próprias paradas têm o tradicional abrigo (os bancos onde as pessoas esperam sentadas pelos ônibus) em forma de casca de ovo. O comércio tem a construção de seu estabelecimento customizada com a especialidade do comerciante. A área verde é muito grande, existem espaços com grama para todos os lados, inclusive nas calçadas das ruas que são adornadas por canteiros. Árvores e flores de espécies jamais conhecidas em

outros lugares também estão espalhadas pela cidade, muitas delas brilham no escuro e algumas até estão na categoria ‘plantas cantoras’ – um gênero de árvores e flores que nascem com o dom de cantar.

Os bueiros se adaptam ao volume da chuva, ou seja, quando chove mais do que o esperado eles automaticamente abrem uma enorme boca para engolir toda a água da chuva que escoar diretamente para o Centro de Tratamento da cidade onde essa água é tratada e retorna para os reservatórios pronta para o reuso.

CAMPO DE FUTEBOL

O campo de futebol tem um estilo muito próximo do comum, as traves e o campo são mais parecidas com a forma tradicional, a diferença é que este é um espaço de bairro e mesmo assim tem ao seu redor arquibancadas feitas com troncos de árvores e um placar de ferro que é ao mesmo tempo uma luminária com uma lousa acoplada.

LOJA DE AVIAMENTOS

Um dos lugares que Pedro Otávio detesta frequentar é a loja de linhas e agulhas. É de lá que vêm os materiais para a sua mãe fazer os bordados e os tricôs que tanto gosta. Ele sabe o quanto ela adora criar bordados e babados em todas as peças e inventar roupas novas para ele e o pai, mas ele também sabe que tudo isso faz com que esses mesmos materiais acabem e ele tenha que ir comprá-los na loja ‘Zig-Zag’, um espaço em forma de carretel de linha gigante e que contém em seu interior uma infinidade de prateleiras com as mais diversas cores de linhas, todas identificadas pelo respectivo nome da cor e o número de venda. A seção de lã que também possui uma inúmeros tipos e cores e é vistoriada pelo Sr. Nito Ovelha, o proprietário que tira as dúvidas e sugestões dos clientes para essa especialidade de produto, mas que é muito rabugento e atende Pedro Otávio sempre de muito mau humor. Um pouco antes da saída ficam o caixa para pagamentos e o balcão de pedidos e embrulhos.

CALÇADA E SEMÁFORO DO VILAREJO

As ruas da pequena *Mundo* em geral são sempre tranquilas e com pouco movimentos de carros e ônibus, porém ao sair da loja *Zig-Zag* Pedro Otávio sempre precisa atravessar uma avenida para chegar até a rua de sua casa. Para atravessá-la ele espera na calçada do vilarejo olhando atentamente para o semáforo com bolas gigantescas que acendem e apagam as cores verde, vermelho e amarelo.

LIXOCITY

Lixocity que na realidade é um aterro sanitário como qualquer outro ganha na imaginação do pequeno garoto um cenário fantástico dividido em duas hipóteses: o primeiro tem uma atmosfera muito sombria com um céu acinzentado e os portões negros de ferro no local. Por dentro uma infinidade de objetos velhos e quebrados, mas também sujos e com rostos e movimentos, caminham e falam. O ambiente tem formato arredondado, sendo que grande parte dos objetos está em volta do aterro em pilhas e no meio há um espaço aberto por onde os demais itens animados caminham na cena imaginada pelo menino até uma pedra alta de onde uma televisão fala com os outros objetos.

Já a segunda hipótese é um ambiente com atmosfera quente, céu vermelho e uma luz da mesma cor sobre os objetos em plano. A disposição e os espaços são os mesmos, só nessa segunda fase da imaginação de Pedro Otávio as grades dos portões estão curvadas para dentro e muitos objetos possuem uma mordança na boca animada. O espaço entre as pilhas de objetos também permanece, que é o lugar por onde caminha o Sr. Silêncio carregando o seu bastão que é na verdade um canudo de *Milk Shake*.

PRAÇA DA SURPRESA

Um enorme espaço com banquinhos para sentar, mesas para jogar xadrez e damas, mesas mais compridas com cadeiras para fazer refeições, além de brinquedos para crianças, e muitas árvores e plantas para todos os lados. No centro da praça fica o espaço de exposições, um lugar aberto, sempre protegido por cordas e suportes.

DIRIGÍVEL

O interior do incrível dirigível começa com a porta que se transforma em uma escada forrada por tapetes marrons, depois no próprio veículo há uma sala de estar, um quarto, um banheiro, uma cozinha, mas sem os eletrodomésticos, uma escrivaninha com material de papelaria para enviar correspondências, um closet com várias uniformes e sapatos de militares e também uma mini biblioteca. Mais a frente o painel de comando e uma poltrona de comandante ao centro com duas cadeiras de pilotos auxiliares dos lados. O dirigível tem janelas enormes por todo o seu comprimento e todo o seu interior tem predominância da cor marrom nas mobílias e objetos, mas tudo tem um ar futurista.

CARRO AMARELO

O carro amarelo tem a metade do tamanho de uma pessoa adulta, mas inexplicavelmente consegue acomodar dois passageiros de forma confortável em seu interior. Tem janelas maiores que o normal, quatro rodas, volante, freios e um painel de controle com vários botões e comandos, especialmente os que estão ligados a velocidade do carro. O seu interior é composto pelas cores branco e cinza e seu design é mais arredondado como os carros modernos.

ÁRVORE DOS DESEJOS

A árvore dos desejos tem a aparência de uma mangueira, é alta, com tronco largo e seus galhos e folhas crescem largamente para as laterais. As folhas, porém são de um verde extremamente vivo e que parecem cintilar quando balançadas ao vento. Não produz frutos, seu tronco é ereto e seus galhos reproduzem uma sombra muito acolhedora. Ao redor da árvore existe muito área verde, grama, flores de todos os tipos, mas somente ela está posicionada logo atrás do arco-íris, soberana entre as demais árvores do local.

BELEZINHA

É a cidade vizinha a *Mundo*, porém a linha de distância entre eles é o fim do arco-íris e a árvore dos desejos. Atrás da árvore já possível visualizar a cidade com as duas casas diferentes da pequena *Mundo*, lá elas parecem ter formato de cogumelos com os tetos

voltados para o céu e o chão fincado na terra. *Belezinha* também é muito colorida, mas com tons um pouco fluorescentes o que torna a cidade diferente na questão das cores. Também é repleta de árvores, mas que balançam o tempo todo e flores que não tem o dom de cantar.

1.5 ARGUMENTO

Num vilarejo muito distante de qualquer cidade já conhecida na terra existe a cidadela chamada *Mundo*. Nesse lugar tão distante e desconhecido, vive um menino, Pedro Otávio Danton. Diferente de todos os outros habitantes do mundo ele não consegue diferenciar o verde do vermelho; na hora de jogar futebol com os amigos sempre confunde, no momento de passar a bola, não sabe se é do time amarelo ou do laranja, e passa a bola para o jogador errado. Até na hora de comer é um sufoco, sempre morde a parte branca e sem gosto da melancia. Já levou bronca da mãe por comprar as suas linhas de costura da cor errada: a laranja no lugar da azul, e por ter atravessado antes da hora ao olhar o semáforo.

Pedro Otávio é um garoto daltônico e sofre com as dificuldades que essa palavra complicada traz na sua vida; mas como qualquer menino da sua idade ele quer brincar, jogar bola e ajudar sua mãe nas compras. Ainda bem que ele é esperto e tem muitas ideias criativas para adaptar seus olhos à pequena *Mundo* que é cheia de cores e criatividade para todos os lados. Nesse vilarejo, cada casa tem a sua própria cor, nenhuma jamais se repete, a única semelhança entre elas é que todas estão de cabeça para baixo, onde o teto está encravado na terra e as portas ficam em direção ao céu. Seus habitantes adoram ficar nas janelas olhando para o nada de cabeça para baixo.

A casa de Pedro Otávio fica logo atrás do casarão rosa, muito próximo ao casebre preto e bem ao lado da mansão branca, está a sua casinha acinzentada como costuma dizer a sua mãe uma mulher gorda, amorosa e sorridente, e seu pai um homem muito magro que fuma sem parar, jamais sorri e está sempre reclamando. Nessa residência ele mesmo tratou de construir o seu próprio lar-refúgio, uma casinha emaranhada nos galhos do pé de laranjeira que há muito tempo é o rei do seu quintal. Desde muito cedo Pedro Otávio sempre se sentiu acolhido nos braços da laranjeira, talvez porque sua mãe sempre diz que o seu cabelo ruivo quando brilha á luz da manhã, tem um tom acobreado de tangerina madura. Ali ele passa as tardes após as aulas do colégio lamentando com o Deobaldo, seu cachorro de estimação – um cão da espécie ‘blimp’ cujas características são o pêlo amarelo gema e os bigodes fartos – as amarguras de não compreender as cores e ser motivo de chacota na escola por ter essa visão diferente de tudo o que tem cor.

Outro dia se queixava com o pequeno amarelinho que o encarava com a expressão de incompreensão lembrando a bronca que recebeu da professora por ter pintado o desenho errado, assim como disse ela. Cada trecho da folha pedia uma cor específica para ser preenchida com lápis de colorir. E foi assim que ele fez, coloriu os espaços assim como mandava o papel, mas no fim entendeu que não era somente isso, era preciso dar tonalidade ao desenho como esperava a professora e não como ele entendia. Além da bronca e do vexame, restou da atividade na escola a nota zero bem grande no boletim e um recado convocando a sua mãe a comparecer na escola para conversar sobre o ‘problema’ do filho. Então Pedro Otávio ficou intensamente com aquilo na cabeça, não parava de pensar na palavra tão dura, foram muitas horas na casinha do pé de laranjeira matutando. Era isso o que ele tinha, ‘um problema’, um defeito? Ele era como as máquinas que não funcionavam mais direito e que o seu pai consertava nos fundos de casa para tudo quanto era gente de *Mundo*? E ficou ainda mais triste em pensar que seu pai detestava consertar aquelas máquinas, como se reclamava todas as noites no jantar, “não aguentava mais fazer isso...”, ou como também dizia: “tentar consertar coisas sem solução era um suplício”. E chorou sem parar pensando que talvez por isso seu pai fosse tão indiferente a sua presença em casa. Seria ele mais uma das peças sem conserto que o pai já havia desistido de dar jeito?

Na tarde em que a mãe voltou da reunião na escola, ele se escondeu atrás da janela da cozinha para tentar ouvir o que ela dizia sobre a conversa com a professora para o seu pai, mas estava difícil, Deobaldo se pôs a latir e pular e ele só conseguiu ouvir parte do que eles diziam. Seu pai falou algo como “temos que dar um jeito, isso não pode ficar assim”, e a mãe completou entre uma frase abafada pelos latidos do cachorro “só não quero que ele sofra”. E quando ouviu o arrastar das cadeiras na cozinha, ele tratou de correr de volta para o seu esconderijo nos braços do laranjal e se desesperou, acreditou que os pais já tinham traçado o seu destino: ele seria descartado como as quinquilharias que o pai não conseguia dar jeito e os donos não queriam de volta: ele seria levado para Lixocity, a cidade das coisas rejeitas e sem serventia.

E se desesperou mais ainda não queria que isso acontecesse, não queria ir morar em Lixocity, já tinha escutado histórias horríveis sobre o lugar que era mal assombrado, que os objetos rejeitados ganhavam vida e planejavam uma rebelião contra os habitantes da pequena *Mundo* ou até mesmo que no silêncio absoluto que predominava no local tudo o que chegava até lá desaparecia sobre o toque do bastão mágico do Sr. Silêncio que aniquilava qualquer um

daqueles que ameaçassem o seu império. Que terror! Não podia mais ficar parado ele teria que agir.

Pedro Otávio correu até a mesinha de madeira e remexeu os papéis e lápis para traçar um plano que pudesse salvá-lo do perigo de ser descartado. Pensou, pensou e pensou e nenhuma ideia vinha a mente, o relógio semi-torto pregado na casinha já tinha rodado diversas vezes os ponteiros e ele nada conseguia elaborar nada, logo mais a mãe o chamaria para jantar e ele não tinha feito ainda o seu plano, e isso era muito perigoso, pois deveria partir logo pela manhã, seus pais poderiam enviá-lo para Lixocity ainda naquela semana. Foi durante essa onda de pensamentos que o esforço de Deobaldo que brigava com uma folha de jornal presa embaixo da poltrona velha o chamou a atenção. Ele arrancou a folha das patas do pequenino e eis que sua mente foi iluminada pela matéria estampada. A notícia era sobre o belíssimo, grandioso e formidável dirigível que ficaria em exposição ali no vilarejo durante aquela semana na Praça da Surpresa. A matéria era clara, falava sobre todas as conquistas que aquele dirigível já tinha acompanhado e que era capaz de viajar para qualquer lugar em busca dos seus sonhos.

Aquilo era excelente, um dirigível que poderia levá-lo para qualquer lugar em busca dos sonhos era exatamente o que ele precisava. Já tinha guardado muito bem em sua memória o dia em que a professora Domingas, que lecionava história em sua escola contou que atrás do arco-íris fica a árvore dos desejos, onde é possível você contar a sua própria história e fazer um pedido que os seus problemas serão resolvidos. Magnífico! Era o plano perfeito: fugiria antes do sol nascer, levaria algumas coisas imprescindíveis, como a sua flauta, o pijama de flanela, o álbum de figurinhas da copa, um mapa, o Deobaldo como companheiro, e a camisa oficial do FutiMundo Clube, seu time do coração. Poderia lembrar-se de alguma outra coisa até o dia amanhecer, mais isso era o básico, e mais importante de carregar consigo antes da partida.

E esse foi o tempo certo de planejar tudo o que era necessário, pois minutos depois ouviu a voz da sua mãe vindo lá do quintal lhe chamando para jantar. Recolheu o plano de fuga e os lápis, puxou Deobaldo junto com o jornal, só deixou pregado na pequena lousinha a carta de despedida para os pais, um pedaço de papel se despedindo e alertando-os que já sabia de seu tórrido destino devido ao ‘problema’ que tinha. Nas últimas linhas, agradeceu, mas enfatizou que como não suportava a ideia de ser descartado iria seguir o arco-íris em busca de

realizar o seu sonho: ser um garoto normal. Com o mesmo semblante triste que pendurou a cartinha, desceu as escadas do esconderijo que tanto gostava e juntou com os pais que também estavam cabisbaixos. Um jantar silencioso que guardava a preocupação do pai e da mãe e a despedida em segredo do pequeno.

Foi para o quarto e adormeceu com a mesma facilidade com que levantou ao primeiro aviso do galo sonâmbulo – uma espécie rara de ave que sofre com distúrbios do sono e vive a perambular as madrugadas vestido de pijama, inconsciente, e cantando num longo intervalo de tempo. Pedro Otávio se levantou, apanhou a mochila já cheia com tudo o que pretendia levar, colocou a coleira em Deobaldo e saíram juntos com o maior esforço possível pela portinhola para cachorro na entrada da cozinha.

Mundo ainda dormia enquanto o garoto e o cão companheiro chegavam até a Praça da Surpresa que fez jus ao nome e deixou os dois fugitivos boquiabertos com a beleza e esplendor do fantástico dirigível. Demorou um tempo para que o êxtase da admiração fizesse-o lembrar de que o tempo era curto e ele precisava ultrapassar as cordas de proteção e adentrar na máquina voadora. Correu, puxou a porta e como num passe de mágica ela se abriu com uma escada de acesso. Deobaldo foi o primeiro a correr e desvendar o interior repleto de espaços e coisas interessantes, Pedro Otávio bem apreensivo o seguiu e olhou durante um bom tempo todos os encantos que o interior do dirigível continha. Era cheio de tantas coisas que poderia morar ali, e quando pensou nisso, foi que lembrou que precisava partir. Um painel com botões de todas as cores eram os mecanismos para fazer o gigante voar, e foi então que veio o pavor. Logo abaixo dos botões estava escrito: botão verde inicia o vôo, vermelho pára o dirigível, preto estaciona, amarelo é para emergências. E agora, como iria acertar? Botões coloridos, logo ele que não conseguia acertar nunca as cores. Entrou em desespero e se pôs no chão a chorar.

As lágrimas do garoto secaram quando ele lembrou que era preciso tentar, se não tentasse jamais chegaria até a árvore dos desejos, e ele pensou, ‘vou olhar para esses botões e ver neles as cores que enxergo e analisar como um piloto de dirigível o que servirá para cada função’. Ele se levantou e examinou com cuidado cada cor que lhe aparecia: azul, só poderia ser o botão da partida, pois azul é uma cor boa para se começar as coisas, marrom deveria ser a cor para estacionar, roxo pára o dirigível lá na alto como uma bruxa voando no céu e o laranja deve ser o de emergência. Aquele que representava para ele a cor azul foi o eleito para

a partida. E não é que deu certo? O dirigível decolou quando o sol ainda começava a nascer e o galo sonâmbulo já estava prestes a acordar todo o vilarejo. Nesse momento Pedro Otávio sobrevoava Mundo, e entedia toda a mágica de voar que continha um tapete mágico, uma vassoura enfeitiçada e o trenó do Papai Noel. O colorido da cidade foi dando espaço para o desenho do arco-íris se formando no céu, o destino final de Pedro Otávio.

Enquanto isso lá na sua pequena casinha acinzentada sua mãe já se descabelava de tanto procurar o menino que tinha sumido do quarto. Avisou o marido, e juntos eles ficaram a bater de janela em janela cidade adentro para procurar o paradeiro do menino. Demorou quase a manhã inteira para os pais de Pedro Otávio voltarem para casa sem encontrá-lo e sem ter notícias alguma de seu paradeiro. Quando entraram de volta em casa as tangerinas caídas na grama verde do quintal fizeram a mãe se lembrar da casinha na árvore e logo chamou o pai que subiu as escadinhas para investigar o esconderijo. No entanto, o lar-refúgio que parecia desenhar a própria imagem do pequeno por ser tão próximo de sua personalidade só tinha lembranças e a cartinha de despedida pendurada na minúscula lousa que por pouco não passava despercebida ao pai.

Juntos, o pai e a mãe leram a cartinha do menino amedrontado pela ideia de ser descartado por ter um ‘problema’, tinha fugido em busca de uma árvore que eles sabiam não existir. A mãe lamentou não ter conversado com ele antes, se preocupou com o bem estar do filho e o pai se sentiu infeliz por dar pouca atenção ao menino amado, e mais amargurado ainda em descobrir o quanto isso afetava o filho. Eles decidiram que teriam que pedir ajuda de toda a vizinhança para trazer de volta Pedro Otávio, e para isso deveriam seguir o arco-íris já que era para lá que o pequeno estava indo. O pessoal da casa amarela emprestou um carrinho muito diferente e veloz, os amigos da casa marrom cederam um mapa dobrável com comando de voz e que mostra a localização exata da pessoa procurada, e os vizinhos da casa preta insistiram para que eles levassem um super binóculo para visualizar o garoto de longe. E assim partiram em busca do filho.

Enquanto isso Pedro Otávio e Deobaldo que já tinham desfrutado das mais belas paisagens a bordo do dirigível chegaram até o final do arco-íris. Assim que cruzaram a gama de cores, ele tratou de ativar os botões que representavam na sua concepção o roxo e o marrom, e o dirigível parou e estacionou numa grama muito verde, em um lugar com muita beleza, e cheio de outras cores que ele jamais tinha visto. Certamente não estavam mais em

Mundo, e teve ainda mais certeza disso quando viu logo a sua frente uma árvore bonita e imponente cujas folhas tinham um tom de verde diferente, e que mesmo de longe transmitia o sentimento acolhedor do pé de laranjeira da sua casa.

Pedro Otávio não hesitou e correu para abraçar a árvore e fazer o seu tão desejado pedido. Foi um momento curto, porém, inesquecível. O menino agarrado a árvore abraçava-a como uma criança acolhida num colo, e os olhos fechados em absoluto silêncio pareciam fazer uma das mais necessitadas preces. Foi rápido também, o tempo de Pedro Otávio ser surpreendido pelo toque de outras mãos infantis. Abriu os olhos e viu a sua frente outro garoto com cabelos muito escuros como as frutas do jabuticabal. Ele tinha o seu tamanho, talvez tivesse a sua idade também e quem sabe um nome.

O menino desconhecido e ele se olharam várias vezes até começarem a conversar. Descobriu-se que o novo amigo chamava-se Lino, era dois anos e dois meses mais velho que ele, que tinha duas cicatrizes nos joelhos, uma casinha similar ao seu lar-refúgio construída grudada ao um pé de jabuticaba e que a cidade onde eles se estavam chamava ‘Belezinha’ – que segundo Lino era um lugar cheio de belezas e encantos onde todos buscavam enxergar o que há de mais bonito em cada coisa.

Enquanto eles conheciam mais um do outro com várias perguntas para lá e histórias para cá, a mãe e o pai de Pedro Otávio vinham no minúsculo carrinho amarelo a toda velocidade em busca do menino. Segundo o mapa mágico que mostrava a pessoa procurada eles já estavam muito próximos, quase chegando. E os super binóculos não erravam, aquele era com certeza Pedro Otávio sentado próximo a uma árvore, e ao lado estava Deobaldo, o outro garoto, e mais a frente o gigantesco dirigível estacionado, esse sem dúvida não tinham como deixar de enxergar. Estavam quase chegando, faltava muito pouco.

E lá do outro lado ainda sentados próximo a árvore estavam eles, os dois garotos cheios de histórias e de coincidências entre si. E não é que Pedro Otávio descobriu que o mais novo amigo também tinha dificuldade com as cores, que ele também errava as tarefas da escola e que fazia muitas coisas parecidas com as que ele estava acostumado a fazer por enxergar o que é colorido de outro jeito? Eles falaram muito sobre isso, as tristezas, as dificuldades, as chacotas nas escolas e Pedro Otávio contou inclusive sobre o plano de seus pais que não agüentavam mais um filho com problema, uma máquina sem conserto para o seu pai, e contou também tudo o que sabia sobre Lixocity, o lugar para onde ele poderia ser

descartado. Lino ficou chocado com tudo o que ouviu e disse que Pedro Otávio não se preocupasse, pois ele ia ensiná-lo como lidar com esse tal de ‘daltonismo’ que cismou de grudar neles dois.

Ele ensinou coisas simples e muito práticas como pedir para a sua mãe colocar etiquetas com os nomes das cores nos lápis de cor, assim na hora de fazer as atividades ele não precisava mais se preocupar, era só seguir o que estava escrito. Para comprar as linhas, era só levar uma amostra das cores certas e estava tudo resolvido. E no time de futebol, era moleza resolver, bastava escrever o nome dos times nos coletes coloridos, assim ninguém erra. Ele lhe contou sobre uma paleta de cores que sempre levava no bolso, era uma espécie de anotação com as cores e os seus respectivos nomes em baixo de cada uma, assim para tudo o precisava sempre consulta a colinha. E deu uma última dica muito importante que era não ter medo e nem vergonha de sempre pedir ajuda a um adulto.

Os dois ficaram muito felizes em ter se conhecido e em tão pouco tempo terem compartilhado histórias e por Pedro Otávio ter aprendido que é possível lidar com as diferenças. E foi nesse momento de alegria que estacionaram eufóricos seu pai e sua mãe que correram ao seu encontro para explicar para o filho todo o mal entendido. Enfim, Pedro Otávio entendeu que tinha escutado somente trechos de uma conversa entre os pais, mais que o contexto inteiro era de muita preocupação da parte deles com o seu bem estar e a sua felicidade em casa e na escola, e que ele jamais, em hipótese alguma seria descartado, pois era o bem mais valioso que eles tinham construído. E foi com um abraço muito caloroso entre os três, com a intervenção de Deobaldo que estava aos pulos que eles se entenderam e fizeram as pazes.

Assim Pedro Otávio apresentou para eles o novo amigo, também daltônico e contou para os pais tudo o que tinha aprendido com ele, e ficaram todos sentados a sombra da árvore dos desejos, o pai, a mãe, Deobaldo, Pedro Otávio e o novo amigo Lino, a conversar durante um bom tempo e a admirar as cores do lindo arco-íris, cada qual com a sua forma de enxergá-lo, mas com a certeza de que é possível aprender a conviver com as diferenças de cada um, sempre.

1.6 ESCALETAS

(1) MUNDO. EXT/DIA.

Apresentação de toda a cidade. Casinhas são mostradas cada qual com o seu estilo, mas todas com os tetos fincados no chão. Em cada casa vários habitantes nas janelas conversando ou olhando para a rua.

Surge a casa rosa, atrás dela vem o casebre preto e depois a mansão branca, ao lado é apresentada a casinha acinzentada de Pedro Otávio.

(2) COZINHA DA CASA DE PEDRO OTÁVIO. INT/DIA.

É apresentada pelo narrador a mãe de Pedro Otávio que está na cozinha preparando várias guloseimas.

(3) GALPÃO DA CASA DE PEDRO OTÁVIO. INT/DIA.

É apresentado pelo narrador o pai de Pedro Otávio que está trabalhando no galpão consertando eletrodomésticos usados. O galpão é repleto de velharias e o pai conserta uma televisão reclamando.

(4) MUNDO. EXT/DIA.

Pedro Otávio andando pela cidade relembrando fatos da sua vida.

(5) CAMPO DE FUTEBOL. EXT/DIA.

(Flashback) Pedro Otávio jogando futebol com os amigos e trocando as cores das camisas.

(6) COZINHA DA CASA DE PEDRO OTÁVIO. INT/DIA.

(Flashback) Pedro Otávio sentado a mesa come uma melancia até a parte branca.

(7) LOJA DE AVIAMENTOS. INT/DIA.

Pedro Otávio comprando linhas para a sua mãe.

(8) CALÇADA E SEMÁFORO DO VILAREJO. EXT/DIA.

Pedro Otávio atravessa a rua no momento em que o semáforo está aberto para a passagem dos carros e não do pedestre, e quase é atropelado por dois carros que

desviam dele por pouco e passam xingando. Sua mãe vê o ocorrido da janela de casa e fica nervosa.

(9) COZINHA DA CASA DE PEDRO OTÁVIO. INT/DIA.

A mãe de Pedro Otávio dá uma bronca no menino por mais uma vez ter atravessado o semáforo na hora errada e ter comprometido a própria vida. O menino lhe entrega o pacote com as linhas e ela vê que ele comprou os aviamentos das cores erradas mais uma vez. O garoto leva outra bronca pelo erro.

(10) QUINTAL DA CASA DE PEDRO OTÁVIO. EXT/TARDE.

Pedro Otávio está andando pela grama do quintal pensativo, e sobe nas escadas do pé de laranjeira até o seu lar-refúgio. Fica lá durante um tempo.

(11) CASA DO PÉ DE LARANJEIRA. INT/TARDE.

Pedro Otávio está sentado numa mesinha pequena tentando fazer as tarefas do colégio e o cachorro Deobaldo fica latindo ao seu redor. O menino se senta no chão e conversa com o cachorro.

(12) QUINTAL DA CASA DE PEDRO OTÁVIO. EXT/TARDE.

Lá do quintal a mãe chama por Pedro Otávio que põe a cabeça na janela da casinha da árvore para atendê-la. Ela olha para ele naquele ângulo tão próximo as frutas da árvore e relembra uma frase que já disse para o menino diversas vezes de que ‘a cor de seus cabelos tem o tom de tangerina madura’. Além disso, ela carrega um bilhete nas mãos e diz a Pedro Otávio que está indo a escola para comparecer a um chamado da professora que quer conversar com ela sobre o ‘problema’ do menino e a nota baixa.

(13) CASA DO PÉ DE LARANJEIRA. INT/TARDE.

Pedro Otávio se queixa com o cachorro sobre os seus dramas e diz estar preocupado com a tal reunião da mãe com a professora. Ele olha pela janela, cai à tarde e ao se debruçar pela janela ele vê que a mãe já retornou e que ela e o pai conversam na cozinha.

(14) QUINTAL DA CASA DE PEDRO OTÁVIO. EXT/NOITE.

Agachado embaixo da janela da cozinha Pedro Otávio tenta ouvir a conversa dos pais sobre o que foi discutido na reunião da escola. A audição da conversa é entrecortada pelos latidos e alvoroço do cachorro Deobaldo. Ao ouvir os pais se levantarem o garoto corre de volta para a casa da árvore.

(15) CASA DO PÉ DE LARANJEIRA. INT/NOITE.

Pedro Otávio comenta com o cachorro o que ouviu, se desespera e em *flashback* pensa na cidade ilusória de Lixocity.

(16) LIXOCITY. INT/NOITE.

Flashback Pedro Otávio imagina Lixocity. Vários objetos velhos descartados conversam entre si e vão marchando até um ponto onde tem uma pedra alta e nessa pedra está uma televisão velha que comanda os outros objetos a fazerem uma rebelião. A atmosfera desse lugar é vermelha e tem um ar tenebroso. Depois esse pensamento se desfaz da mente dele e vem a visão do Sr. Silêncio com um bastão em forma de canudo de *Milk shake* e toca nos objetos velhos amedrontados que tremem sobre os seus pés, fazendo os sumir com um estalo.

(17) CASA DO PÉ DE LARANJEIRA. INT/NOITE.

Ele tenta inventar um plano para se salvar enquanto o cachorro briga com um jornal que está preso embaixo de uma poltrona. Após ver o jornal ele tem uma ideia e elabora o seu plano. Antes de descer da casinha com o cachorro nos braços ele pendura numa pequena lousa um bilhete.

(18) QUARTO DE PEDRO OTÁVIO. INT/NOITE.

Pedro Otávio entra com o Deobaldo no quarto e pega a mochila para preparar a bagagem antes da fuga ao amanhecer. Coloca vários objetos e peças de roupa desconexas de uma só vez na mochila e deita para dormir. O relógio da cabeceira gira os ponteiros rapidamente.

(19) MUNDO. EXT/MADRUGADA.

Lá na rua, mas bem próximo a janela do quarto de Pedro Otávio vem cambaleando um galo vestido de pijamas, touca e chinelos. Ele está de olhos fechados, porém, anda com as asas esticadas e canta estranhamente num longo intervalo de tempo.

(20) QUARTO DE PEDRO OTÁVIO. INT/MADRUGADA.

O menino acorda com o primeiro som do galo sonâmbulo, arruma a sua cama, se veste, pega a mochila, o cachorro e fecha a porta do quarto olhando para trás.

(21) QUINTAL DA CASA DE PEDRO OTÁVIO. EXT/MADRUGADA.

A minúscula porta de entrada do cachorro começa a se mexer de dentro para fora na porta principal da casa acinzentada, e logo depois saem Pedro Otávio e Deobaldo como se tivessem sido chutados de dentro da casa para o quintal. Já no quintal, o menino abre a pequena cerca e sai andando pela rua.

(22) PRAÇA DA SURPRESA. EXT/MADRUGADA.

Deobaldo e Pedro Otávio chegam a Praça da Surpresa e avistam o dirigível que está bem no centro da praça cercado por cordas de proteção. Os dois ficam boquiabertos com a beleza e o tamanho da máquina, quando bem distante dali ouve-se o galo sonâmbulo cantar estranhamente mais uma vez e o garoto se lembra que é preciso correr. Ele ultrapassa as cordas de proteção e puxa uma espécie de maçaneta que tem na porta do dirigível. A porta se abre apresentado uma escada. O cachorro é o primeiro a subir alegremente e Pedro Otávio olha para trás e depois sobe as escadas. Assim o dirigível fecha a porta por onde o cachorro e o garoto entraram.

(23) DIRIGÍVEL. INT/DIA.

Pedro Otávio fica encantado com o interior do dirigível que é repleto de ambientes e detalhes. O cachorro que antes corria eufórico agora tenta mostrar para o garoto o painel de controle da máquina. O menino vê o painel e se apavora diante das instruções pautadas nas cores dos botões. Ele resolve tentar ligá-lo de forma intuitiva e o dirigível levanta vôo. Enquanto eles vão ganhando altura é possível ouvir de longe o galo sonâmbulo dando a última canja do dia antes do vilarejo acordar. O garoto olha pelas enormes janelas do dirigível a linda vista oferecida pela cidade colorida de longe. O sol nasce e ele visualiza o arco-íris que irá guiá-los. Sentado na cadeira do piloto, Pedro Otávio direciona o dirigível para o arco-íris.

(24) CASA DE PEDRO OTÁVIO. EXT/DIA.

Pelas janelas da casa é possível ver a mãe e o pai de Pedro Otávio correndo por todos os cômodos procurando o garoto em todos os lugares da casa. A mãe entra em tudo quanto é lugar descabelada gritando o seu nome. O pai abre os armários e investiga se o menino está escondido, olha embaixo das camas, no galpão de trabalho, nos armários da cozinha, no forno a lenha. Nada. Ainda do lado de fora é possível ver os dois saindo para a vizinhança.

(25) RUAS DO VILAREJO. EXT/DIA.

A mãe bate a porta da casa rosa pedindo ajuda, assim faz o pai na porta da casa amarela, da mansão branca e no casebre preto. Eles vão batendo de porta em porta em busca do paradeiro do menino. Cada vizinho que sai para atendê-los diz não saber onde está o garoto e mostram-se preocupados.

(26) QUINTAL DA CASA DE PEDRO OTÁVIO. EXT/DIA.

Sem descobrir o paradeiro do menino o pai e a mãe retornam para casa muito tristes. Ao passar pelo quintal a mãe olha para as tangerinas caídas na grama verde e imediatamente também olha para a casinha da árvore e se alegra pensando que o menino pode estar lá. O pai sobe as escadas da árvore para verificar.

(27) CASA DO PÉ DE LARANJEIRA. INT/DIA.

O pai todo encolhido pela falta de espaço para o seu tamanho procura na casinha o garoto, mas não encontra nada. Ao se voltar para a escada ele vê a lousinha pendurada com o bilhete de despedida e o pega.

(28) QUINTAL DA CASA DE PEDRO OTÁVIO. EXT/DIA.

No quintal o pai e a mãe lêem o bilhete de despedida e entendem o motivo da fuga do filho e para onde ele foi. Eles decidem pedir ajuda dos vizinhos para procurá-lo.

(29) RUAS DO VILAREJO. EXT/DIA.

A mãe e o pai batem de porta de porta novamente, mas agora contando que descobriram o paradeiro do filho e precisam ir ao seu encontro urgentemente. O vizinho da casa amarela empresta um minúsculo carrinho amarelo para eles e garante que o veículo é muito veloz. O pessoal da casa marrom empresta um mapa mágico, e os vizinhos da casa preta insistem para que eles levem um binóculo. Assim o pai e a mãe entram no carro que tem metade de seu tamanho, porém, curiosamente consegue comportá-los de forma confortável dentro, pegam o resto das coisas e partem em busca do menino, deixando para trás a poeira da rua.

(30) DIRIGÍVEL. INT/DIA.

Pedro Otávio continua a sua viagem no dirigível admirando cada paisagem junto com o cão amigo.

(31) CARRO AMARELO. INT/DIA.

O pai dirige o carro extremamente veloz pelas ruas da cidade enquanto a mãe acompanha o garoto pelo mapa mágico.

(32) DIRIGÍVEL. INT/DIA.

Pedro Otávio chega ao ponto exato do arco-íris que é o seu destino final, pára e estaciona o dirigível que desce lentamente até a grama.

(33) BELEZINHA. EXT/DIA.

Pedro Otávio e Deobaldo descem do dirigível e o garoto fica completamente encantado com a beleza do lugar que se esconde atrás do arco-íris. Ele avista a árvore dos desejos e corre para abraçá-la. O garoto fica durante um tempo abraçado a árvore

de olhos fechados fazendo seu pedido quando é interrompido pelo toque das mãos de outro garoto.

Os dois meninos se olham e sentam na grama para conversar.

(34) CARRO AMARELO. INT/DIA.

O pai que continua dirigindo o carro extremamente veloz pelas ruas da cidade está quase chegando ao ponto onde está Pedro Otávio, a mãe acompanha o garoto pelo mapa mágico e o pai pega o binóculo para tentar vê-lo, e então ele vê Pedro Otávio e Lino sentados na grama com Deobaldo correndo ao redor e o dirigível estacionado bem ao lado. O pai acelera ainda mais o carro para chegar o quanto antes.

(35) BELEZINHA. EXT/DIA.

Pedro Otávio e Lino conversam bastante e descobrem muitas semelhanças entre si, inclusive o fato de serem daltônicos. O carro amarelo estaciona bem próximo ao dirigível e Deobaldo começa a latir vendo os pais do garoto. Pedro Otávio se assusta ao ver os pais, mas esses correm para abraçá-lo e explicam o mal entendido, enquanto isso Lino observa a família reunida.

(36) ÁRVORE DOS DESEJOS. EXT/DIA.

Todos ficam sentados na grama junto à árvore dos desejos e conversam muito entre si. Pedro Otávio apresenta Lino aos seus pais e conta que o garoto também é daltônico. Eles se entendem e todos ficam sentados a olhar o arco-íris enquanto Deobaldo corre feliz em volta da árvore.

"Danton"

Um roteiro
de
Gléssia Veras

Gléssia Veras

E-mail: glessiaveras@hotmail.com

Tel: (11) 8774-1383

1.7 ROTEIRO – DANTON

(1) PRÓLOGO. MUNDO. EXT/DIA.

Narrador apresenta a cidade 'Mundo'. Começa pelo arco de boas vindas com o nome da cidade que saúda os visitantes que adentram. E vai explicando um pouco sobre o local acompanhando as imagens que mostram a cidade.

NARRADOR (EM OFF)

Bem vindos à *Mundo*! Este vilarejo muito distante de qualquer cidade já conhecida na terra é diferente de tudo o que você já conhece. Olhem bem, aqui as casas tem tetos no chão e as portas voltadas para o céu. E as ruas? Todas têm o mesmo tamanho. Repare bem nesses postes de iluminação, viu? (*Pausa*) Como não? Repare novamente, eles se curvam. E essas lombadas, que maravilhas, são ajustáveis aos carros que passam.

(*Suspira*) Ah, e os pontos de ônibus são vistoriados por esses pombos aí que recolhem os bilhetes dos passageiros antes deles embarcarem. Nunca tinha parado para pensar, mas acho que é por isso que as paradas têm os abrigos em forma de casca de ovo. Esses pombos são muito exigentes mesmo.

O pombo olha para o céu e faz uma careta como se estivesse ouvindo o narrador.

NARRADOR (EM OFF – TOSSE ANTES DE COMEÇAR)

E as lojas cada uma com um formato mais interessante do que a outra. E é claro que eu não poderia esquecer delas (*suspira*) as 'plantas cantoras', ouçam:

As plantas cantoras começam a cantar uma canção.

NARRADOR (EM OFF)

Esses bueiros que se adaptam ao volume da chuva são esplêndidos! Não, tenho que falar deles: quando chove mais do que o esperado eles automaticamente abrem uma enorme boca para engolir toda a água da chuva que escoar diretamente para o Centro de Tratamento da cidade onde essa água é tratada e retorna para os reservatórios pronta para o reuso. Não é incrível! Aqui em *Mundo* tudo é diferente!

Mas veja como eu me empolgo a falar de tantas coisas e me esqueço do mais importante, afinal eu estou aqui hoje para contar outra história. Estão vendo essa rua, não, essa não, aquela outra, logo após o semáforo. Isso, essa daí. Nessa rua mora a nossa história, mais precisamente dentro dessa casinha cinza.

(2) COZINHA DA CASA DE PEDRO OTÁVIO. INT/DIA.

A mãe de Pedro Otávio está mexendo com uma colher de pau uma massa para bolo dentro de uma tigela. No forno a lenha já tem alguma coisa assando e a fumaça sai pela janela. Outras guloseimas estão preparadas já na mesa. Ela prepara o bolo e canta alegremente uma canção.

NARRADOR (EM OFF)

E essa daí é a mãe, huum que cheirinho bom! Mas deixe-me ver parece que ele não está aqui. Vamos ver, talvez ali.

(3) GALPÃO DA CASA DE PEDRO OTÁVIO. INT/DIA.

O pai está trabalhando no galpão enquanto Deobaldo, o cãozinho entra sorrateiro e fica andando em volta de suas pernas.

NARRADOR (EM OFF)

Bom, aqui está o pai, um pouco mal humorado, carrancudo, eu diria, mas deixa eu ver, parece

que também não está aqui. Ei, olha só quem acabou de entrar, é o Deobaldo. É, mas me parece que ele não está por aqui agora. Deve ter saído, pode estar nas ruas.

(4) MUNDO. EXT/DIA.

Pedro Otávio aparece andando pelas ruas da cidade olhando de um lado para outro.

NARRADOR (EM OFF)

Ah, e ali está ele. Pedro Otávio Danton. Sabe, esse garotinho rende história. Diferente de todos os outros habitantes de *Mundo* ele não consegue diferenciar o verde do vermelho; na hora de jogar futebol com os amigos sempre confunde, no momento de passar a bola, não sabe se é do time amarelo ou do laranja, e passa a bola para o jogador errado.

(5) CAMPO DE FUTEBOL. EXT/DIA.

(*Flashback*) Pedro Otávio faz parte time dos garotos que estão com os coletes verdes e jogam contra o time dos que estão com o colete vermelho. Ele está muito feliz por ter a oportunidade de tentar jogar mais uma vez, pois não tinha sido bem sucedido nas anteriores. As arquibancadas estão razoavelmente ocupadas por outras crianças da cidade.

COLEGA DE TIME (EUFÓRICO)

Olha só Pedrinho, vê se fica esperto dessa vez, não vai errar hein. A coisa é muito simples: nós somos do time verde, você só passa a bola para quem é do verde, entendeu? Tá vendo esse colete aqui ô, que cor que é? É verde né! Então bola do pé é de verde pra verde.

PEDRO OTÁVIO (ANIMADO E COM DÚVIDAS)

Ãh, verde né?! Tá legal! *(Em pensamento)* Mas qual é o verde mesmo?

O time entra em campo e o menino que está como juiz apita o início do jogo. A partida vai passando rapidamente enquanto é possível visualizar Pedro Otávio que ora passa a bola para os verdes e ora para o time adversário. O jogo acaba com vitória de 10 x 0 para o time adversário, sendo que vários passes decisivos para a vitória foram feitos por ele de forma equivocada.

O time de Pedro Otávio se reúne para conversar.

COLEGA DE TIME (TRISTE)

Então... Pedrinho, o time conversou e chegou a um acordo. Não dá para você continuar jogando com a gente desse jeito, assim nós vamos sempre perder os jogos. Poxa vida, custa passar a bola para os jogadores do nosso time. Me desculpa, não é uma decisão só minha, bem que eu gostaria de te ajudar, mas você parece que tem algum problema, sei lá....

PEDRO OTÁVIO (TENTANDO SE EXPLICAR)

Mas, mas....

COLEGA DE TIME (TRISTE)

Não adianta pedir para voltar Pedrinho, no time de futebol jogando errado não dá mais para você ficar.

Os amigos de time saem todos por um lado do campo, juntos, enquanto Pedro Otávio sai caminhando pelo lado oposto, sozinho. Ainda vestindo o colete, cabisbaixo. Esse pensamento desaparece com uma nuvem de fumaça e dá lugar a outra lembrança.

(6) COZINHA DA CASA DE PEDRO OTÁVIO. INT/DIA.

(Flashback) A mãe de Pedro Otávio está lavando louça de costas para o menino que come um pedaço de melancia sentado a mesa. Ela consegue ouvir o barulho do menino que morde a fruta sem parar. Ela olha para trás e vê que

ele já terminou de comer a melancia, mas que continua mastigando a parte branca e sem gosto algum.

MÃE (DANDO UMA BRONCA)

Pedro Otávio! Novamente comendo a parte branca da melancia! Quantas vezes eu já não disse para você não comer essa parte, hein?

PEDRO OTÁVIO (CHATEADO COM A BRONCA DA MÃE)

Nunca sei quando chega a parte branca...

MÃE (FICA MAIS CALMA E EXPLICA)

Quando mudar o gosto e estiver sem sabor é porque chegou a parte branca, o que significa que a melancia acabou, entendeu agora? Assim fica mais fácil não?

PEDRO OTÁVIO (AGORA ANIMADO COM A DICA DA MÃE)

Ah sim mamãe, agora fica bem mais fácil. Vou lembrar que quando mudar o gosto é porque chegou a parte branca.

Essa lembrança também se apaga com a nuvem de fumaça e Pedro Otávio retorna a sua caminhada pelas ruas.

(7) LOJA DE AVIAMENTOS. INT/DIA.

Pedro Otávio entra na loja em formato de carretel gigante e fica durante muito tempo procurando as linhas que a mãe lhe pediu para comprar. Ela mostrou às pressas as cores que precisava e agora ele fica em dúvida olhando para as prateleiras pensando nas cores que ela mostrou e ele enxerga como sendo as que estão escritas nos produtos e aquilo que ela realmente precisa.

Ele vai até a seção de lãs e pede ajuda para o responsável pelo setor.

PEDRO OTÁVIO (PREOCUPADO)

Bom dia Sr. Nito, tudo bem?

Eu estou precisando de uma ajuda com umas linhas que a minha mãe pediu para comprar e não estou conseguindo.

Nito Ovelha está de costas para o garoto preenchendo as prateleiras e assim permanece enquanto responde para o garoto.

NITO OVELHA (SEM DAR MUITA ATENÇÃO)

Ah, sei.... E o que foi que ela pediu para você comprar hein?

PEDRO OTÁVIO (ESPERANÇOSO PELA AJUDA)

Ela me pediu que comprasse 2 tubos de linhas vermelhas, 3 de linhas marrons e mais duas de linhas amarelas.

NITO OVELHA (SEM DAR MUITA ATENÇÃO)

E então, vá lá na prateleira e pegue essas cores. Você não sabe ler? Já está bem grandinho para que os adultos peguem as coisas para você.

PEDRO OTÁVIO (TENTANDO SE EXPLICAR)

Mas Sr. Nito, o problema é que...

NITO OVELHA (INTERROMPE)

O problema é que você é um preguiçoso. Vá lá, e pegue as linhas na prateleira vá. Eu estou cheio de coisas aqui para fazer.

Pedro Otávio sai cabisbaixo e volta-se para as prateleiras, mas com o fluxo de clientes que mexem nos produtos as linhas estão nas prateleiras erradas e ao buscar a linha pelos nomes ele acaba levando os produtos errados. Passa no caixa, paga e sai da loja.

(8) CALÇADA E SEMÁFORO DO VILAREJO. EXT/DIA.

Pedro Otávio está parado na calçada da avenida que tem que atravessar para voltar para a rua onde mora esperando o semáforo abrir para a passagem de pedestres. Nenhum outro pedestre aguarda para atravessar e ele fica confuso ao olhar para o semáforo. Fica aguardando um tempo na calçada até que possa aparecer outro pedestre para atravessar e ele possa ver qual é o momento certo de passar, mas ninguém aparece, então ele se arrisca a

passar no momento em que o semáforo está com passagem livre para os carros. Ele passa entre os carros que vem em sua direção e é xingado pelos motoristas.

MOTORISTA (ENFURECIDO)

Tá louco moleque! Espera o farol abrir para você. Volta para a calçada seu desajuizado.

OUTRO MOTORISTA (AOS BERROS)

Quer morrer moleque? Respeita o semáforo.

Pedro Otávio consegue chegar do outro lado da calçada ofegante. Sua mãe está na janela de casa e presencia a cena.

(9) COZINHA DA CASA DE PEDRO OTÁVIO. EXT/DIA.

Pedro Otávio entra assustado na cozinha para entregar as linhas compradas para a mãe. Ela, porém, já o espera com uma bronca.

MÃE (BRAVA)

Você pensa que não vi ali da janela Pedro Otávio? Pensa que não estava olhando?

PEDRO OTÁVIO (SEM ENTENDER)

Olhando o quê mãe?

MÃE (BRAVA)

Olhando você quase ser atropelado ali no semáforo. Isso não tem cabimento. Quantas vezes eu já não lhe ensinei que é preciso atravessar na hora certa, na hora que o semáforo estiver fechado para você. Quando a primeira bola estiver acesa é que você pode passar! Agora me dê um motivo, só um, para você não fazer isso.

PEDRO OTÁVIO (CHATEADO)

Mas na escola a professora disse que temos que prestar a atenção nas cores, e eu fiquei confuso, quer dizer, sempre fico confuso com as cores.

MÃE (CANSADA)

Então é por isso que eu sempre digo para você esperar alguém para atravessar no momento certo. Deixa eu ver as linhas aqui.

A mãe olha o pacote com as linhas e vê que estão erradas em relação ao que ela tinha pedido.

MÃE (NERVOSA)

Ai Pedro Otávio, não vou mais pedir para você comprar as linhas, você comprou errado novamente. Assim nunca vou terminar essas roupas que estou costurando. Porque não pediu ajuda ao Sr. Nito ou prestou mais atenção nas prateleiras.

PEDRO OTÁVIO (ABORRECIDO)

Mãe, eu fiz tudo isso. Pedi ajuda ao Sr. Nito que não quis me ajudar e continuou repondo as prateleiras e me mandou ler os nomes das linhas, e foi isso que eu fiz, eu li os nomes e trouxe.

MÃE (DEBOCHADA)

Ah, fez tudo isso, então me diga por que elas vieram erradas, me explique.

PEDRO OTÁVIO (ABORRECIDO)

Fiz tudo do jeito que a senhora me ensinou a fazer mamãe, e eu fiz o que estou dizendo, mas parece que eu faço tudo errado mesmo.

Ele sai da cozinha e vai até o quintal.

(10) QUINTAL DA CASA DE PEDRO OTÁVIO. EXT/DIA.

Pedro Otávio caminha pelo quintal muito chateado com mais uma das broncas que levou da mãe. Deobaldo fica junto com ele que anda pela grama do quintal e depois resolve subir para a casa da árvore.

(11) CASA DO PÉ DE LARANJEIRA. INT/DIA.

Pedro Otávio está sentado em sua mesinha fazendo as tarefas da escola e Deobaldo começa a latir e pular em seu colo. Ele então senta no chão e começa a conversar com o cachorro que fica olhando para o garoto como se estivesse entendendo tudo o que ele diz.

PEDRO OTÁVIO (ENTRISTECIDO)

Sabe Deobaldo, eu não aguento mais ser dal-tô-ni-co (*Fala separando lentamente as sílabas*). Esse negócio de não enxergar direito as cores é tão difícil. Na escola levo bronca da professora nos trabalhos de colorir, ela diz que eu não presto atenção e que teimo em fazer errado. Já fui expulso do time de futebol, compro tudo o que a mamãe pede nas cores erradas, quase sou esmagado pelos carros enlouquecidos no farol e até a mamãe não tem paciência comigo. É uma bronca por causa da melancia que estou comendo até onde não deve, outra por causa do farol, outra das linhas e outra...

O menino é interrompido pelos chamados da mãe.

(12) QUINTAL DA CASA DE PEDRO OTÁVIO. EXT/DIA.

Lá do quintal a mãe chama por Pedro Otávio que põe a cabeça na janela da casinha da árvore para atendê-la. Ela olha para ele naquele ângulo tão próximo as frutas da árvore e relembra uma frase que sempre diz em relação à cor dos seus cabelos.

MÃE (NORMAL)

Pedrinho, Pedrinho, filho, olha aqui, preciso falar com você.

Ele põe a cabeça pela janela da casa da árvore e responde.

PEDRO OTÁVIO (AINDA MEIO ENTRISTECIDO)

Sim, mamãe.

Ocorre uma pausa da mãe olhando docemente para o menino naquele ângulo.

MÃE (EMOCIONADA)

Ai filho, você assim nessa janela, rodeado por essas frutas, é tão lindo. Eu não canso de me lembrar o dia em que você nasceu e quando vi a sua cabecinha tão linda logo pensei nos teus cabelos ruivos. Quando eles brilham a luz da manhã tem um tom acobreado de tangerina madura.

Pedro Otávio finalmente sorri e a mãe continua a falar. Ela carrega um bilhete nas mãos e diz a Pedro Otávio que está indo a escola para comparecer a um chamado da professora que quer conversar com ela sobre o 'problema' do menino e a nota baixa que ele tirou.

MÃE (NORMAL)

Bom, mas eu vim dizer que estou indo lá no seu colégio agora. A sua professora me ligou dizendo que quer conversar comigo. Ela me disse que essa é uma das muitas notas baixas consecutivas que você vem tirando na matéria de artes plásticas. Enfim, ela disse que quer conversar sobre o seu 'problema', a gente vai conversar sobre isso também. Eu volto logo, se comporte viu?

(13) CASA DO PÉ DE LARANJEIRA. INT/TARDE.

Pedro Otávio volta para a mesinha e tenta fazer as tarefas novamente, mas ele ficou nervoso com o fato da mãe ir se encontrar com a professora para falar sobre suas notas baixas e o seu problema com as cores. Então ele olha para a tarefa que está fazendo na mesa, e é justamente uma lição de arte. Os lápis de cor estão espalhados pela mesa e entre suas mãos está um desenho extremamente colorido pintado por ele mesmo. Deobaldo agora está quietinho e fica olhando em silêncio o menino que rabisca o papel e esfrega a cabeça inquieto. Pedro Otávio então olha para Deobaldo e se senta no chão encostado à parede de madeira. Ele conversa com o cão enquanto o afaga com carinhos.

PEDRO OTÁVIO (PREOCUPADO)

Tá vendo o que eu disse para você bem antes da minha mãe aparecer lá embaixo? Eu não aguento mais essa história de errar as cores e ninguém me entende, ninguém me ajuda. Fico pensando, será que é isso mesmo que eu tenho, um 'problema'? Isso deve ser como um defeito?

É, pode ser que seja isso mesmo. Eu tenho um defeito, assim como as máquinas que meu pai conserta ali no galpão. (*Triste*) Então deve ser por isso que meu pai não conversa muito comigo, não brinca mais comigo... Ele deve estar cansado de mim como está cansado dessas coisas que ele arruma. Bem que ele sempre diz: (*Imita a voz do pai*) "não aguento mais fazer isso...", "tentar consertar coisas sem solução é um suplício". (*Chorando*) Acho que eu também sou uma das coisas sem conserto.

Pedro Otávio permanece chorando encostado na parede, e pela janela é possível ver o cair da tarde. Ele ouve lá de cima barulhos na cozinha e percebe que sua mãe já voltou. Então ele desce da casa da árvore para falar com ela e Deobaldo o acompanha.

(14) QUINTAL DA CASA DE PEDRO OTÁVIO. EXT/NOITE.

Chegando ao quintal bem próximo a cozinha ele vê que a mãe não está sozinha lá, o pai também está com ela e os dois conversam e estão com semblantes muito sérios. Pedro Otávio logo entende que o assunto deve ser a reunião no colégio e se agacha entre a grama e a parede e vai se movimentando até chegar exatamente embaixo da janela da cozinha. Ele fica bem quieto, porém está ofegante, tentando ouvir os que os pais dizem. No momento que eles voltam a falar e ele está prestes a ouvir a conversa atentamente, Deobaldo o vê ali agachado, e quer brincar com ele que está naquela posição escondida. O cachorro então começa a latir sem parar, na maior euforia. Pedro Otávio tenta calar o cão.

PEDRO OTÁVIO (NERVOSO)

Deobaldo, não, não, fique quieto, vem aqui, para com isso agora!

Enquanto isso ele consegue ouvir algo que o pai diz na conversa.

PAI (TOM AMEAÇADOR)

... temos que dar um jeito nisso, não pode ficar assim, já te disse isso antes...

E o cachorro começa a latir novamente, mas Pedro Otávio consegue agarrá-lo num abraço e fazer calar-se. Enquanto isso ele ouve mais uma frase, agora da mãe.

MÃE (CHORANDO)

... não queria que isso fosse assim, só não quero que ele sofra...

Então o cachorro escapa mais uma vez dos seus braços e volta a latir e correr atrapalhando o garoto em ouvir o resto da conversa. Um tempo depois, ele ouve as cadeiras se arrastando e com medo que os pais o vejam ali escondido, sai agachado para voltar novamente para casa do pé de laranjeira.

(15) CASA DO PÉ DE LARANJEIRA. INT/NOITE.

De volta a casa da árvore Pedro Otávio fica desesperado pensando em tudo o que ouviu, e o que não ouviu, mas irá deduzir.

PEDRO OTÁVIO (AFOBADO)

E agora, o que será de mim? Meu pai disse que eles 'tem que dar um jeito em mim' e minha mãe está com medo que eu sofra, e ela 'não queria que fosse assim', e agora? Não posso pensar em outra alternativa, tenho certeza do que vai acontecer, eles vão me descartar como as máquinas velhas com problemas que meu pai não consegue consertar e os donos não querem de volta. (Apavorado) Ai céus, eu vou ser jogado em Lixocity!

O menino fica desesperado e começa a imaginar como seria Lixocity, uma construção de todas as histórias fantasiosas que já ouviu sobre o local transformadas em imagens pela sua imaginação.

(16) LIXOCITY. INT/NOITE.

(Flashback) Pedro Otávio imagina Lixocity. Vários objetos velhos descartados conversando entre si e vão marchando até um ponto onde tem uma pedra alta e nessa pedra está uma televisão velha que comanda os outros objetos a fazerem uma rebelião. A atmosfera desse lugar é vermelha e tem um ar tenebroso.

Tudo tem um ar muito sombrio com um céu acinzentado e os portões negros de ferro no local. Por dentro uma infinidade de objetos velhos e quebrados, mas também sujos e com rostos e movimentos, caminham e falam. O ambiente tem formato arredondado, sendo que grande parte dos objetos está em volta do aterro em pilhas e no meio há um espaço aberto por onde os demais itens animados caminham na cena imaginada pelo menino até uma pedra alta de onde a televisão irá convocar os outros objetos.

TELEVISÃO

Caros objetos moradores de Lixocity, é com prazer que convoco vocês para essa reunião decisiva. Precisamos nos unir, é esse o momento de dominarmos o espaço que a partir de agora será nosso! (Confiante) Vamos nos unir e invadir Mundo ainda hoje e expulsar de lá aqueles humanos e nos apossar de seus espaços! Vamos ficar na posição que merecemos e deixemo-los aqui trancafiados nesse espaço assim como fizeram conosco!

OUTROS OBJETOS (CORO)

Isso, isso! Apoiado!

(Flashback) Depois esse pensamento se desfaz da mente dele com uma nuvem que parece carregar o pensamento consigo e se dissolve dando lugar a outra imaginação. É um ambiente com atmosfera quente, céu vermelho e uma luz da mesma cor sobre os objetos em plano. A disposição e os

espaços são os mesmos, só que agora as grades dos portões estão curvadas para dentro e muitos objetos possuem uma mordada na boca animada. O espaço entre as pilhas de objetos também permanecem que é o lugar por onde caminha o Sr. Silêncio carregando o seu bastão que é na verdade um canudo de *milk shake*, ele vem andando imponente e toca nos objetos velhos amedrontados que tremem sobre os seus pés, fazendo os sumir com um estalo.

SR. SILÊNCIO

A maioria de vocês deve saber que eu sou o dono desse lugar. A maioria de vocês sabe também que eu sou o máximo, que sou lindo, soberano, enfim, sou tantas coisas. (*Irritado*) Mas o que quase ninguém parece saber é que eu (*berrando*) odeio, odeio, odeio barulho!

(*Flashback*) Ao lado um forno elétrico dá um gritinho de horror, e o Sr. Silêncio move o seu bastão em direção a ele, toca no objeto e ele desaparece num estalo. Os pensamentos do garoto logo se desfazem e ele volta à realidade da casinha da árvore.

(17) CASA DO PÉ DE LARANJEIRA. INT/NOITE.

Pedro Otávio corre até a mesinha de madeira e remexe os papéis e lápis para traçar um plano que possa salvá-lo do perigo de ser descartado. Pensou, pensou e pensou e nenhuma ideia vinha a mente, o relógio semi-torto pregado na casinha roda diversas vezes os ponteiros e ele nada consegue elaborar, nada.

PEDRO OTÁVIO (FALA PARA SI)

Daqui a pouco a minha mãe vai me chamar para jantar e eu ainda não elaborei o meu plano de fuga. Isso é muito perigoso! Eu tenho que partir amanhã logo cedo, pode ser que eles queiram me enviar para Lixocity ainda essa semana. Eu tenho que fugir o quanto antes.

Enquanto ele tentava pensar, coçava a cabeça, remexia o nariz e tentava rabiscar alguma ideia no papel, Deobaldo

briga com uma folha de jornal presa embaixo da poltrona velha e o esforço do cachorro chama a atenção de Pedro Otávio. Ele arranca a folha das patas do pequenino e vê a manchete da página.

NARRADOR (EM OFF)

Ei você morador de *Mundo*, não perca a oportunidade de conhecer o belíssimo, grandioso e formidável dirigível que está em exposição este mês na Praça da Surpresa. Esta incrível máquina já foi instrumento de grandes conquistas, viajou o planeta em busca de glórias e sonhos e pode também trazer o seu sonho até você. Por que não? Venha visitar!

A manchete desperta em Pedro Otávio a ideia de usar o dirigível para ir em busca do seu sonho. Nesse momento ele lembra da aula de história da professora Domingas.

(FLASHBACK) PROFESSORA DOMINGAS (ALEGRE)

... então, não se esqueçam que atrás do arco-íris fica a árvore dos desejos, onde é possível você contar a sua própria história e fazer um pedido que os seus problemas serão resolvidos...

A oportunidade de pegar o dirigível e ir em busca da árvore dos desejos torna-se o plano de Pedro Otávio.

PEDRO OTÁVIO (ENTUSIASMADO)

Isso é perfeito! Vou fugir antes do sol nascer, pegar o dirigível, ir até o arco-íris e encontrar a árvore dos desejos. Quando chegar lá vou pedir para ela que me ajude a não ser mais um garoto com problemas, que eu saiba fazer tudo certo. Mas eu vou ter que levar algumas coisas que não vou conseguir ficar sem elas.

Senta a mesa e anota em folha de papel.

PEDRO OTÁVIO

Ah, deixa eu pensar, não posso ficar sem a minha flauta, o pijama de flanela, o álbum de figurinhas da copa, um mapa, o Deobaldo, é claro, preciso dele para conversar, e a camisa

oficial do FutiMundo Clube, para vestir depois de fazer o meu pedido. Hum, devo estar esquecendo alguma coisa, mas se eu lembrar depois coloco na mochila. Tenho que deixar também uma carta para os meus pais, eles tem que saber que eu também sabia do que ia acontecer comigo e por isso fugi.

Ele escreve a carta em um pedaço de papel e cola em uma lousinha pendurada a parede. Fica triste nesse momento ao ficar em pé, parado olhando para a carta escrita. Uma lágrima escorre do seu rosto. Dentro da casa sua mãe o chama para jantar. Ele olha pela janela da casinha da árvore de onde é possível ver a grande janela da cozinha, lá estão os pais jantando cabisbaixos também.

(18) QUARTO DE PEDRO OTÁVIO. INT/NOITE.

Pedro Otávio abre a porta do seu quarto e entra com Deobaldo sonolento no seu colo. Ele deixa o cachorro na cama pequena ao lado da sua e pega a mochila aonde vai colocando várias coisas e repetindo para si a sua lista de objetos que não podem ser deixados para trás.

PEDRO OTÁVIO (FALA PARA SI)

Mapa, a minha flauta, pijama de flanela, álbum de figurinhas, camisa do meu time... Isso daqui também vai e isso também, acho que esse também é importante...

Ele coloca muitas outras coisas mochila e fica parcialmente fechada. Veste um pijama e adormece. Ao lado de sua cama está um relógio em que os ponteiros rodam rapidamente mostrando como a madrugada passou rápido.

(19) MUNDO. EXT/MADRUGADA.

Muito próximo à janela do quarto de Pedro Otávio lá na rua vem cambaleando o galo sonâmbulo com as asas esticadas e cantando uma música muito estranha, diferente do canto habitual dessas aves e num longo intervalo de

tempo. A primeira vez ele canta é quanto está na direção do quarto de Pedro Otávio.

(20) QUARTO DE PEDRO OTÁVIO. INT/MADRUGADA.

Pela janela do quarto de Pedro Otávio ainda é possível ver o galo sonâmbulo que está passando pela rua. O menino levanta-se rapidamente da sua cama. Troca de roupas, arruma a cama e acorda o cachorro fazendo-o um sinal para ficar em silêncio.

PEDRO OTÁVIO (COCHICHANDO)

Vamos Deobaldo, você vai comigo, mas tem que fazer silêncio, não pode latir, entendeu?

O cachorro balança a cabeça em sinal de positivo. O menino pega-o no colo, põe a mochila nas costas e sai do quarto olhando para trás antes de fechar a porta.

(21) QUINTAL DA CASA DE PEDRO OTÁVIO. EXT/MADRUGADA.

A porta principal da casa de Pedro Otávio começa a se mexer como se fosse explodir, mas na realidade o movimento vem da entrada para cachorro que fica na parte debaixo da porta. Um grande esforço é feito de dentro para fora e de repente saem Pedro Otávio e Deobaldo de dentro para fora. Eles saem como se tivessem sendo chutados de tanto impacto e vão parar bem no meio do quintal na grama.

PEDRO OTÁVIO (LEVANTANDO E TIRANDO A GRAMA DA ROUPA)

Caramba Deobaldo, não sabia que essa sua vida de cachorro era tão dureza assim. Essa portinha aí é o maior sufoco! Vamos!

Os dois saem correndo silenciosamente pelo jardim, Pedro Otávio abre com cuidado a cerca de sua casa e eles seguem a caminho da praça da surpresa.

(22) PRAÇA DA SURPRESA. EXT/MADRUGADA.

Deobaldo e Pedro Otávio chegam até a praça da surpresa e Pedro Otávio pára em frente à placa com o nome da praça enquanto Deobaldo entra correndo no lugar. O menino sai correndo atrás do cachorro em vários lugares da praça que é grande até encontrá-lo abanando o rabo próximo ao dirigível em exposição. Pedro Otávio fica boquiaberto com a beleza e grandiosidade do dirigível.

PEDRO OTÁVIO (ADMIRADO)

Uau! Nunca tinha vista um dirigível de perto. Isso é fantástico Deobaldo. É tão grande, tão bonito, tão diferente, tão...

A admiração do menino é interrompida pela música estranha do galo sonâmbulo que canta pela segunda vez. Ele entende que eles devem se apressar para entrar no dirigível.

PEDRO OTÁVIO (APRESSADO)

Vamos Deobaldo, temos que entrar no dirigível, o galo já cantou pela segunda vez, logo nasce o sol e será tarde para fugir.

Eles ultrapassam as cordas de proteção e vão correndo em direção ao dirigível. Pedro Otávio puxa a porta do dirigível que se abre apresentando uma escada acoplada a porta. Deobaldo sobe alegremente os degraus e some, mas Pedro Otávio permanece receoso ainda lá embaixo.

PEDRO OTÁVIO (RECEOSO FALA PARA SI)

Não tinha pensado antes que eu poderia ficar com medo quando chegasse nessa parte.

Ele olha para trás uma última vez e sobe as escadas do dirigível que se fecham na sequência.

(23) DIRIGÍVEL. INT/DIA.

Pedro Otávio bem apreensivo entra no dirigível e durante um bom tempo fica admirando todos os encantos que o seu interior contém. Um lugar com tantas coisas que poderia morar ali, e quando pensou nisso, foi que lembrou que precisava partir.

PEDRO OTÁVIO

Nossa como é lindo aqui, tem tantas coisas, parece uma casa, mas de um jeito diferente. Caramba, eu poderia morar aqui! (*Lembrando de algo*) Mas eu tenho que partir!

Quando ele olha para o lado vê Deobaldo pulando e direção a um painel com botões de todas as cores que eram os mecanismos para fazer o dirigível voar, e foi então que veio o pavor.

PEDRO OTÁVIO (ALEGRE)

Não acredito Deobaldo, você achou o painel de controle, você é sempre o primeiro a achar as coisas hein? (*Assustado*) Mas o que é isso? Ah, não eu não acredito nisso!

Então ele lê em voz alta as instruções que estão escritas no painel.

PEDRO OTÁVIO (LENDO)

Botão verde inicia o vôo, vermelho pára o dirigível, preto estaciona, amarelo é para emergências. E agora, como vou acertar? Botões coloridos! Tinha que ser justamente com botões coloridos, logo eu que não consigo nunca acertar as cores.

Entra em desespero e se põe no chão a chorar.

PEDRO OTÁVIO (AINDA NO CHÃO)

Mas eu preciso ao menos tentar, senão não consigo ir atrás da árvore dos desejos. Vou olhar para esses botões e ver neles as cores que enxergo e analisar como um piloto de dirigível o que servirá para cada função.

Levanta e examina com cuidado cada cor que lhe aparecia.

PEDRO OTÁVIO (FALA PARA SI)

Azul, só pode ser o botão da partida, porque azul é uma cor boa para se começar as coisas. Marrom pode ser a cor para estacionar, roxo pára

o dirigível lá na alto como uma bruxa voando no céu e o laranja deve ser o de emergência.

Para iniciar ele apertou o botão que para ele representava a cor azul e o dirigível decolou quando o sol ainda começava a nascer. O galo sonâmbulo canta novamente, dessa vez mais prolongado e a cidade dá indícios de que despertou, com casas abrindo as janelas e pessoas saindo para trabalhar. nesse momento Pedro Otávio sobrevoa Mundo.

PEDRO OTÁVIO (ENCANTADO)

Agora eu entendo toda a magia que deve ser voar em um tapete mágico, uma vassoura enfeitiçada ou pegar carona no trenó do Papai Noel.

O colorido da cidade dá espaço para o desenho do arco-íris se formando no céu, o destino final de Pedro Otávio. Ele direciona o dirigível para ponto certo e ele e Deobaldo ficam juntos ao painel de controle.

(24) CASA DE PEDRO OTÁVIO. EXT/DIA.

Pelas janelas da casa é possível ver a mãe de Pedro Otávio correndo por todos os cômodos procurando o garoto em todos os lugares da casa. A mãe entra em tudo quanto é lugar descabelada gritando o seu nome.

MÃE (ENLOUQUECIDA)

Pedro Otávio, Pedro Otávio, Pedrinho, cadê você meu filho, apareça, por favor!

O pai abre os armários e investiga se o menino está escondido, olha embaixo das camas, no galpão de trabalho, nos armários da cozinha, no forno a lenha. Nada.

PAI (PREOCUPADO)

Meu filho, filho, filho, onde você está pequeno?

Ainda do lado de fora é possível ver os dois saindo para a vizinhança.

(25) RUAS DO VILAREJO. EXT/DIA.

Eles vão para a rua procurar o menino na vizinha. A mãe bate a porta da casa rosa pedindo ajuda.

MÃE (EM PRANTOS)

Ô, bom dia, por favor, me ajude, queira me ajudar, por favor! Procuro o meu menino, o Pedro Otávio, ele não está em casa, em parte alguma, procuramos em tudo quanto é canto e ele não aparece. O quartinho está com a cama arrumada, está faltando algumas peças no guarda-roupa, acho que ele... Ai meu deus...

VIZINHO DA CASA ROSA

Oh, que coisa ruim! Ele sumir assim. Mas nós não sabemos onde ele possa estar, por aqui não passou, mas vamos junto com a senhora nas outras casas ajudar nas buscas.

A mãe vai bater na casa seguinte pedindo ajuda acompanhada dos vizinhos da casa anterior. Na sequência o pai vai até a casa amarela, na mansão branca e no casebre preto.

PAI (DESESPERADO)

Amigos ai da casa preta, por favor, preciso da ajuda e vocês, meu pequeno sumiu de casa, não sabemos onde possa estar, estou desesperado.

Descem da casa os vizinhos do casebre preto para falar com o pai de Pedro Otávio.

VIZINHO DA CASA PRETA

Meu caro, não vimos o teu pequeno, e nem sabemos onde possa estar, mas estamos disponíveis aqui para qualquer coisa, sim?

PAI (QUASE CHORANDO)

Obrigado, vou procurar minha esposa.

O pai e mãe vão batendo de porta em porta em busca do paradeiro do menino, cada vizinho que sai para atendê-los diz não saber onde está o garoto e mostram-se preocupados

e assim eles vão formando uma romaria de vizinhos que os seguem para tentar ajudar nas buscas.

(26) QUINTAL DA CASA DE PEDRO OTÁVIO. EXT/DIA.

Eles retornam das buscas no vilarejo sem descobrir o paradeiro do menino. O pai e a mãe retornam para casa muito tristes. Ao passar pelo quintal a mãe olha para as tangerinas caídas na grama verde e imediatamente também olha para a casinha da árvore e se alegra pensando que o menino pode estar lá.

MÃE (ESPERANÇOSA)

Querido, querido! Ele pode estar na casinha, na casinha do pé de laranjeira!

PAI

Vou subir lá então, espere aí.

O pai sobe as escadas da árvore para verificar.

(27) CASA DO PÉ DE LARANJEIRA. INT/DIA.

O pai entra na casinha da árvore todo encolhido pela falta de espaço para o seu tamanho e procura em todos os cantos da casinha o garoto, mas não encontra nada. Então ele decide descer e ao se voltar para a escada ele vê a lousinha pendurada com o bilhete de despedida e o pega.

(28) QUINTAL DA CASA DE PEDRO OTÁVIO. EXT/DIA.

Já no quintal o pai mostra o bilhete de despedida do filho e a mãe lê o bilhete.

PEDRO OTÁVIO (EM OFF)

Mamãe e papai, sei que o meu problema com as cores e tudo de errado que faço por causa disso tem deixado vocês tristes e chateados. Mamãe, eu sei o que a professora falou para a senhora. Ela deve ter dito que eu não tenho conserto. Então eu ouvi um pouco da conversa da senhora e do

papai na hora do jantar quando o papai disse que vocês iam dar um jeito e a senhora disse que não queria que eu sofresse. Então eu entendi tudinho: eu sou como as coisas que o papai conserta lá no galpão, mas eu não tenho conserto. Estou igual aquela geladeira que não teve jeito e deixou ele nervoso durante um tempão, deve ser por isso que ele quase não fala comigo e nem brinca mais nos finais de semana. Então eu entendi, vocês iam me jogar em Lixocity e eu tenho muito medo de ir para lá, muito medo mesmo. Daí, eu resolvi que não vou ser mais um garoto sem conserto, então, vou pegar o dirigível e vou até o fim do arco-íris pedir para a árvore dos desejos que ela conserte o meu problema.

Pedro Otávio

Os pais se abraçaram segurando a carta.

PAI (CHORANDO)

É tudo culpa minha, eu não dou mais atenção a ele, estou deixando com que os meus problemas atrapalhem a vida do meu filho. Estou deixando de ser o pai amoroso e atencioso que deveria ser.

MÃE (CHORANDO)

Não, não, a culpa é minha, sou eu quem fica dando broncas nele por causa dos erros que ele comete por causa do daltonismo. Ai céus! Eu deveria ter tido mais paciência. Agora o nosso filho está aí sozinho buscando uma árvore que nem deve existir.

PAI

Querida, acho que nós dois erramos com ele, e nós dois é que precisamos de conserto e não ele. Vamos procurá-lo, trazê-lo em nossos braços e aprender a ajudar o Pedro Otávio com o seu daltonismo.

MÃE (EMOCIONADA)

Ah querido, vamos.

os dois se abraçam e saem pelo quintal para pedir ajuda aos vizinhos novamente, mas agora com a carta em mãos.

(29) RUAS DO VILAREJO. EXT/DIA.

A mãe e o pai batem de porta de porta novamente, mas agora contando que descobriram o paradeiro do filho e precisam ir ao seu encontro urgentemente. O vizinho da casa amarela empresta um minúsculo carrinho amarelo para eles e garante que o veículo é muito veloz.

VIZINHO DA CASA AMARELA

Este carro aqui é muito veloz e vai ajudar vocês chegarem até o garoto o mais rápido possível. Caminhando vocês vão demorar uma eternidade para encontrá-lo.

Na outra casa, os vizinhos da casa marrom emprestam um mapa mágico.

VIZINHO DA CASA MARROM

Levem esse mapa, ele é mágico.

PAI

Mágico? Como?

VIZINHO DA CASA MARROM

Basta falar o nome de quem vocês buscam e ele mostra o paradeiro e como chegar até ele. Vai ajudar muito para vocês chegarem até o menino.

Depois foi a vez de bater novamente a porta da casa preta, e lá os vizinhos insistem para que eles levem um binóculo.

VIZINHOS DA CASA PRETA

Não deixem de levar esse binóculo, ele tem um poder de visualização maior do que qualquer outro, assim vocês podem ver o menino durante o caminho. Levem, levem.

Vários vizinhos já estavam do lado de fora de suas casas para desejar boa sorte aos dois.

PAI

Não sei como agradecer a todos vocês que estão nos ajudando, muito obrigado.

O pai e a mãe entram no carro que tem metade de seu tamanho, porém, curiosamente consegue comportá-los de forma confortável dentro, pegam o resto das coisas e partem em busca do menino, deixando para trás a poeira da rua e os vizinhos desejando boa sorte.

(30) DIRIGÍVEL. INT/DIA.

Pedro Otávio está no dirigível sorrindo o tempo todo, admirando a incrível paisagem pela janela gigante. Deobaldo corre feliz de um lado para outro, pula no menino, e também gruda na janela para olhar todo o cenário.

(31) CARRO AMARELO. INT/DIA.

O pai dirige o carro amarelo que vai pelas ruas a toda velocidade. Enquanto isso no banco ao lado a mãe tenta consultar o mapa. Ela abre o pedaço de papel amarelado dobrado e vê que o papel não tem nada escrito e então ela fala com o mapa.

MÃE (ANSIOSA)

Procuro Pedro Otávio Danton, meu filho, que está perdido.

De repente o papel ganha linhas e desenhos e se forma um mapa mostrando o carro amarelo em movimento e no céu o dirigível com o menino.

MÃE (CHOCADA)

Querido, veja isso, esse mapa está se mexendo, parece ter vida!

PAI (ADMIRADO)

Que coisa mais incrível!

Eles prosseguem no carro seguindo as coordenadas do mapa mágico.

(32) DIRIGÍVEL. INT/DIA.

Pedro Otávio lá no dirigível vê que já passou do arco-íris e fala com Deobaldo.

PEDRO OTÁVIO (FELIZ)

Veja, veja, Deobaldo, chegamos! Olha, só mais um pouquinho e vamos estacionar, nós conseguimos! Oba!

Ele aperta o botão que na sua visão, representa o roxo que pára imediatamente a máquina no céu e na sequência aperta o marrom que faz com que o dirigível desça lentamente até estacionar no chão. o dirigível estaciona na grama e ele e Deobaldo abrem a porta para desembarcar.

(33) BELEZINHA. EXT/DIA.

Pedro Otávio e Deobaldo descem do dirigível e o garoto fica completamente encantado com a beleza do lugar que se esconde atrás do arco-íris. Ele avista a árvore dos desejos e corre para abraçá-la. O garoto fica durante um tempo abraçado a árvore de olhos fechados fazendo seu pedido.

PEDRO OTÁVIO (FALA PARA SI)

Querida árvore dos desejos, eu tive que fazer um plano, fugir de casa, viajar num dirigível para chegar até aqui. Quero fazer o meu pedido: por favor, me ajude a não ter mais problemas com as cores, sei que esse negócio de daltonismo não vai embora que tem que ficar comigo, mas, por favor, conserta o meu problema me ajudando a fazer tudo certo, mesmo que não enxergue as cores como os outros, por favor...

No final de seu pedido ele sente outras mãos de crianças sobre a suas, então ele abre os olhos e vê na sua frente um garoto com tipo físico e idade similares a sua.

PEDRO OTÁVIO
Quem é você?

LINO
Eu sou o Lino, e quem é você? Nunca te vi por aqui.

PEDRO OTÁVIO
Sou o Pedro Otávio, eu nunca vim aqui.

LINO
E esse cachorro? É um cachorro isso né? É seu?

PEDRO OTÁVIO
É um cachorro sim, ele meu. É o Deobaldo, ele é meu amigo.

LINO
Você veio conhecer a árvore dos desejos?

PEDRO OTÁVIO
Vim sim, e até já fiz o meu pedido.

E os dois sentam na grama e ficam conversando e Deobaldo fica brincando no lugar desconhecido.

(34) CARRO AMARELO. INT/DIA.

O pai continua dirigindo o carro extremamente veloz pelas ruas da cidade está quase chegando ao ponto onde está Pedro Otávio, a mãe acompanha o garoto pelo mapa mágico e o pai pega o binóculo para tentar vê-lo, e então ele vê Pedro Otávio e Lino sentados na grama com Deobaldo correndo ao redor e o dirigível estacionado bem ao lado.

PAI (EUFÓRICO)
Ele está ali, estamos perto!

MÃE (EUFÓRICA)

Então vamos!

O pai acelera ainda mais o carro para chegar o quanto antes.

(35) BELEZINHA. EXT/DIA.

Pedro Otávio e Lino conversam bastante e descobrem muitas semelhanças entre si.

PEDRO OTÁVIO

Como você sabe da árvore dos desejos?

LINO

Ué, todo mundo daqui de Belezinha sabe da árvore.

PEDRO OTÁVIO

Belezinha?

LINO

Belezinha sim, você está em Belezinha, não sabia não? De onde você vem?

PEDRO OTÁVIO

Eu venho de *Mundo*, a cidade que fica antes do arco-íris, vim para cá somente para fazer um pedido na árvore, não sabia que essa cidade aqui tinha esse nome, mas aqui é realmente muito bonito.

LINO

Mundo também é muito bonita, eu já fui lá. Eu vi você chegando naquele dirigível. Ele é seu?

PEDRO OTÁVIO

Não é meu não, digamos que eu o peguei emprestado para vir até aqui, e que tive que fugir de casa também, tudo isso para fazer o meu pedido.

LINO

Uau! Me conta isso, me conta.

PEDRO OTÁVIO

Bom, eu não tenho irmãos, moro com os meus pais e estudo no Colégio *Tem-que-Aprender*. Ultimamente eu estava tirando muitas notas baixas em artes plásticas porque eu tenho assim, como posso te explicar, um problema para enxergar as cores...

LINO (INTERROMPE PEDRO OTÁVIO)

Você é daltônico?

PEDRO OTÁVIO (SURPRESO)

Como você sabe?

LINO

Porque eu também sou!

PEDRO OTÁVIO

Não acredito! Nunca tinha conhecido outro daltônico antes! Que máximo!

Então, mais ou menos foi isso que aconteceu: a professora não aguentava mais o meu problema, meus colegas de escola só dão risada de mim, não tenho amigos, só o Deobaldo, ninguém me ajuda com o meu problema com as cores, todos só me dão broncas, até fui expulso do time de futebol por sempre jogar a bola para o jogador errado. Compro as linhas da minha mãe sempre com as cores erradas, atravesso o semáforo na hora errada e até a melancia e a sua tal parte branca querem me fazer de bobo.

LINO

Então você fugiu de casa por que é daltônico?

PEDRO OTÁVIO

Não, fugi de casa para vir até aqui fazer o meu pedido na árvore dos desejos, pedi que ela consertasse o meu problema, para que eu não leve mais bronca e saiba fazer as coisas certas, mesmo sendo um menino que não consegue enxergar as cores da forma certa.

A professora do meu colégio mandou um bilhete para minha mãe comparecer para falar sobre o meu problema, e no dia que ela voltou da reunião ela e o meu pai conversaram no jantar e eu ouvi parte da conversa deles escondido. Pelo que eu entendi eles pretendiam me descartar, me enviar para Lixocity. Você já ouviu falar em Lixocity?

LINO

Não, nunca ouvi falar.

PEDRO OTÁVIO

É um lugar horrível. Todas as coisas velhas, quebradas e sem conserto são enviadas para lá e ficam em Lixocity trancadas para sempre.

LINO

Nossa, mas será mesmo que os seus pais iam te levar para lá?

PEDRO OTÁVIO

Meu pai envia todas as coisas que ele não consegue consertar para lá, e ele disse enquanto jantava com a minha que 'temos que dar um jeito nisso', só podia ser que ele ia me levar para lá, já que eu não tenho jeito.

Então eu fui até a praça, junto com o Deobaldo, peguei o dirigível e vim até aqui. Agora que fiz o meu pedido tenho certeza que a árvore vai me ajudar.

LINO

Olha, posso adiantar a ajuda que a árvore vai dar para você?

PEDRO OTÁVIO

Como assim?

LINO

Quantos anos você tem?

PEDRO OTÁVIO

Oito anos e você?

LINO

Tenho 10 anos, então já tenho dois anos de vantagem convivendo com o daltonismo e posso te dar umas dicas que podem valer como se fosse a ajuda da árvore.

Pedro Otávio tem coisas que são simples e vão te ajudar muito, peça para a sua mãe colocar etiquetas com os nomes das cores nos lápis de cor, assim na hora de fazer as atividades você não precisava mais se preocupar, é só seguir o que estava escrito. Quando você for comprar as linhas dela, leva uma amostra das cores certas e fica tudo resolvido. E no time de futebol, é moleza resolver, é só você escrever o nome dos times nos coletes coloridos, assim ninguém erra.

PEDRO OTÁVIO

Nossa, que legal! Nunca tinha pensado nisso.

Lino mostra a Pedro Otávio a paleta de cores que sempre leva no bolso para não errar nas coisas do dia a dia.

LINO

Outra coisa que eu sempre faço é levar comigo, no bolso uma paleta de cores, essa daqui ó. Para mim ela é uma espécie de anotação com as cores e os seus nomes embaixo de cada uma, assim tudo o que preciso consultar eu já tenho a colinha. E se você quer uma dica mais importante ainda é de nunca ter vergonha de pedir ajuda para um adulto, e insista.

PEDRO OTÁVIO

Nossa Lino, que maravilha tudo isso que me falou, isso vai me ajudar bastante. Acho que a árvore dos desejos ouviu o meu pedido e mandou você aqui.

LINO

É, eu acho que sim. Eu também sou muito tímido e não costumo fazer muitos amigos aqui em Belezinha, acho que a partir de agora nós

poderíamos ser amigos e compartilhar as nossas histórias sobre o daltonismo né?

Os dois se abraçam e vão brincar com brinquedinhos de madeira de Lino que estão espalhados na grama.

LINO

Esses brinquedos aqui foram feitos pelo meu pai, ele é marceneiro. A minha mãe é professora de piano. O que os seus pais fazem?

PEDRO OTÁVIO

Meu pai conserta tralhas e minha mãe faz coisas gostosas.

Me conta uma coisa como foi que quebrou esse dente aí?

LINO

Eu caí da bicicleta, e ainda machuquei os joelhos e ganhei essas duas cicatrizes aqui ó.

Lino mostra as cicatrizes nos joelhos e abre a boca para mostrar o dente quebrado.

PEDRO OTÁVIO

Hum, deixa eu pensar em outra coisa para te perguntar? (Pausa) Já sei! Qual é a sua banda preferida?

LINO

Fácil! Os Esquisitões. E a sua?

PEDRO OTÁVIO

Não acredito, também é a minha banda favorita!

Enquanto os garotos conversam sentados na grama o carro amarelo estaciona bem próximo ao dirigível e Deobaldo começa a latir vendo os pais do garoto. Pedro Otávio se assusta ao ver os pais, mas esses correm para abraçá-lo e explicam o mal entendido, enquanto isso Lino observa a família reunida.

MÃE

Pedro Otávio, ai céus, Pedro Otávio, você está bem?

PAI

Meu filho, deixa eu olhar para você. Deixa eu ver se está inteiro filho.

PEDRO OTÁVIO

Mamãe, papai, eu queria explicar que... quero pedir desculpas por ter fugido. É que eu não queria ser enviado para Lixocity e eu pensei que eu não tinha mais conserto, então...

PAI

Filho, nós é que temos que te pedir desculpas e eu mais ainda. Me desculpa filho por te dar pouca atenção e não brincar mais com você. Nada do que você pensava era verdade, foi um grande mal entendido. Nós conversávamos tentando encontrar a melhor forma de você ser bem aceito na escola e não ter mais problemas com as situações que vinha tendo.

MÃE

Filho, nós jamais iríamos descartar você. Pedrinho, você é tudo de mais precioso que eu tenho meu bebê!

PAI

Agora, eu te prometo filho, vamos buscar juntos a melhor forma de te ajudar a superar as dificuldades e lidar com as diferenças. Mas eu quero você em casa pertinho da gente.

MÃE

E eu mais ainda.

(36) ÁRVORE DOS DESEJOS. EXT/DIA.

O pai com Pedro Otávio no colo vai até a sombra da árvore onde já está sentado Lino e se senta colocando o filho na grama, a mãe faz a mesma coisa e Deobaldo fica andando

por cima das pernas deles. Pedro Otávio apresenta o novo amigo para os pais.

PEDRO OTÁVIO

Pai, mãe, esse aqui é Lino. Eu conheci ele aqui na árvore dos desejos e ele também é daltônico. Nós conversamos e ele me ensinou várias formas de fazer as coisas que antes eu tinha dificuldade sabia?

PAI

Olá Lino, que bom saber que vocês vão ser bons amigos.

MÃE

Que maravilha tudo isso. Acho que estou começando a acreditar nessa árvore que realiza desejos.

Todos dão risada e ficam sentados na sombra da árvore dos desejos admirando o arco-íris.

FIM

2 METALINGUAGEM DO PROCESSO CRIATIVO

A construção da metalinguagem do processo criativo para este roteiro se utiliza frequentemente da linguagem figurada com representações simbólicas e é compreendida como um fenômeno significativo e de amplo alcance na formação da criança espectadora. O maravilhoso está presente como um dos elementos mais importantes da narrativa destinada às crianças. Por meio dessa linguagem com significados simbólicos, a construção das cenas aborda situações em que são necessárias curiosidade e identidade dos espectadores, como percebemos na citação a seguir:

Essa tem sido a conclusão da psicanálise, ao provar que os significados simbólicos dos contos maravilhosos estão ligados aos eternos dilemas que o homem enfrenta ao longo de seu amadurecimento emocional. O que se processa desde a fase narcisística ou egocêntrica inicial, em que domina o eu inconsciente, primitivo (Id), durante a qual, segundo Jung, a energia psíquica primária (que regula toda a vida humana) é dirigida exclusivamente para o próprio eu, até a fase final (a que poucos chegam) de transcendência da própria humanidade, por um eu ideal (Superego). Entre essas duas fases polares, dá-se a evolução mais significativa do ser humano: a passagem do egocentrismo para o sociocentrismo: a do eu para o nós, a fase do eu consciente (Ego), real, afetivo, inteligente, que reconhece e outro, como elemento-chave para sua própria auto-realização. Nesta fase inicia, para a criança, a luta pela defesa de sua vontade e desejo de Independência em relação ao poder dos pais ou a rivalidade com os irmãos ou amigos. E quando, inconscientemente, a criança tente construir sua própria imagem ou identidade e se depara com os muitos estímulos ou interdições aos seus impulsos, etc., etc. (COELHO, 1997, p. 50-51).

Mediante suas representações simbólicas, a história contribui para o entendimento da existência de diferenças e semelhanças, do daltonismo, da dificuldade, da busca, da carência, das descobertas, das relações familiares, do crescimento pessoal, etc.

As lendárias histórias de contos de fadas que também abordam, através de uma linguagem simbólica, temáticas com objetivos similares a estes, asseguram à criança a existência de uma solução feliz para seus problemas, mesmo sendo elaboradas numa linguagem plena de fantasia. O texto foi construído de forma que o fantástico domine um pouco a imaginação do espectador, mas de forma que em outras partes da trama ele não permaneça preso a isso.

Danton que apresenta a trajetória de um garoto daltônico que tenta vencer as barreiras entre o preconceito, a falta de informação sobre o tema e as possíveis causas que influenciam todo um contexto a refletir de forma positiva ou negativa para a formação infantil ao lidar com as diferenças e os dramas pessoais, tem o objetivo de mostrar que também existem dificuldades na vida de uma criança. Fanny Abramovich (1997), no seu livro *Literatura, gostosuras e bobices*, comenta que em *Peter Pan*, narrativa do escocês James Barrie, conta-se a história de um menino simpático, corajoso, que luta com espada, sabe voar, brigar, tomar conta de si e de todos os outros meninos perdidos da Terra do Nunca. Ele fugiu de casa porque não queria crescer. Para continuar sendo menino, sabe que é necessário acreditar na existência das fadas e não permitir que elas morram. É necessário acreditar em Papai Noel, nos três desejos da lâmpada de Aladim ou no Super-Homem. A fuga de *Peter Pan* foi utilizada para construir a ação fugitiva de Pedro Otávio que também busca algo como o personagem de Barrie que deseja ser livre na Terra do Nunca, Pedro Otávio foge em busca de uma solução para o seu problema calcado na crença do fantástico.

Pedro Otávio assim como qualquer outra criança da sua idade sabe que é pequeno, frágil e que só poderá enfrentar os problemas adultos se imaginar que outras forças estarão a seu lado, protegendo-a e facilitando o confronto ou que uma solução inesperada que pode surgir e solucionar o problema como ocorre com a introdução da árvore dos desejos na trama.

Existe na criança uma natureza extremamente dualista, ela sente-se confusa quando percebe que seus sentimentos são contraditórios sobre alguma coisa, ao mesmo tempo – por exemplo, quando quer brincar na rua –, mas também deseja obedecer à ordem da mãe para não fazê-lo, assim como as dificuldades que passa ao ter que realizar atividades malfadadas e que o deixam temeroso, mas que ele faz por saber que só assim será aceito. Para compreender essa dualidade é necessário observar também os processos internos do personagem, o que é muito facilitado por situações de medo como as diversas situações apresentadas no roteiro em que Pedro Otávio se vê apreensivo sem conseguir agir instantaneamente.

Abramovich (1997), na mesma obra já referenciada, salienta que no conto *O homem que saiu em busca do medo*, dos Irmãos Grimm, onde é apresentada a história de um rapaz que quer aprender a se arrepiar e para isso enfrenta monstros, fantasmas, mortos, mas continua não sentindo o ambicionado calafrio. Depois de mil tentativas, as mais tenebrosas e desafiantes, descobre que só sente arrepios quando lhe fazem cócegas (mostrando que o que pode provocar o medo é diferente para cada um, conforme o que percebe, o que enfrenta, o

que o assusta de verdade ou não), assim como em *Danton*, em que Pedro Otávio sente medo sempre que se depara previamente com alguma situação que o levará exatamente até aquilo que ele busca.

As carências e privações do personagem foram construídas a partir do conto *João e Maria*, no qual os pais são pobres e se preocupam por não poderem cuidar dos filhos e resolvem então abandoná-los. O conto de fadas expressa em palavras e ações as coisas que se passam nas mentes infantis. Em termos de ansiedade infantil dominante, João e Maria acreditam que os pais os estão abandonando – e sentem-se ameaçados pela rejeição, assim como Pedro Otávio que ao ouvir duas frases soltas escondido embaixo da janela também acredita que será ‘descartado’ e fantasia uma história absurda para a realidade. Essa história ressalta que a busca pela solução da carência e da ansiedade é sofrida e cheia de obstáculos. Dá corpo às angustias e tarefas de aprendizagem da criança que precisa vencer seus desejos primários, pois se não se libertar sozinha, os pais e a sociedade o farão.

Já do conto *O patinho feio*, de Andersen, que traz o patinho que nasceu diferente e por isso é humilhado por todos e decide então ir embora descobrindo-se um belo cisne, foi elaborada a própria forma de abordagem do tema daltonismo em uma criança que sofreria com as dificuldades de ter o distúrbio. A possibilidade de se encontrar e se conhecer – o patinho da história só se percebe cisne após descobrir sua identidade, significa percorrer uma trajetória longa, difícil e muito sofrida, mas ao chegar lá ele se sente capaz de enfrentar qualquer monstro ou outro nome que tenha o problema – uma analogia feita com a longa viagem dentro do dirigível em busca da árvore dos desejos. Na fase adulta as pessoas se sentem seguras quando descobrem quem realmente são. A infância é o primeiro momento para perceber o quanto é possível descobrir com quem eles irão realmente contar, o que é fácil e difícil em uma busca.

A construção desse roteiro utilizou fundamentalmente de referências presentes em contos de fadas para discutir a contribuição dessa forma narrativa na formação cognitiva, linguística, comunicativa e psicológica da criança e na constituição de significado, adaptada em linguagem audiovisual. A discussão da temática reforça a importância de a criança compreender o mundo real que a cerca através do imaginário e de uma leitura de ficção, de histórias fantásticas que abordam problemas que ela vivencia como o daltonismo ou de forma que essa mesma criança a partir disso possa contribuir para a inclusão social mediante diversos temas.

A opção por um roteiro construído para animação oferece a possibilidade, dentro de uma relação dialógica de cultivar espaços constantes de recriação e reformulação interior a partir do confronto da narrativa com os índices presentes nas imagens. Partindo desse estado de criação é possível propor uma subjetividade que se dá sempre na interação entre a leitura da criança e o imagético proporcionado pelos recursos visuais animados. Também é possível transpor as formas de ação imediatas e buscar níveis mais profundos e consistentes de atuação nos personagens, visando a qualidade da mensagem final que será transmitida por meio das imagens, mas que ao mesmo tempo irá se manter fiel à proposta original do roteiro.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho desenvolvido pretendeu apresentar o desenvolvimento de um roteiro destinado ao público infanto-juvenil mesclando algumas narrativas contemporâneas, contos de fadas e dramas atuais que conduzem o personagem principal Pedro Otávio a interagir entre o real e o fantástico na busca pelo crescimento interior através da aceitação das diferenças e de seu próprio distúrbio. Esse memorial busca subsídios para compreender os deslizamentos de sentido ocorridos nas tramas infantis atuais onde há incidência enorme no contexto literário infantil de autores que se utilizam de um conto de fadas clássico e, a partir dele, criam outra história, com nova significação. De acordo com Coelho (1987), as formas de narrar pertencem ao conjunto de narrativas nascidas entre os povos da antiguidade, que, fundidas, confundidas e transformadas, espalharam-se por toda parte e permanecem até hoje como uma rede, cobrindo todas as regiões do globo e, apesar de terem origem comum, assumem em cada nação um caráter diferente.

O roteiro contextualizou a história dos contos de fadas e/ou contos maravilhosos dentro da concepção da época e de uma necessidade social atual. Coelho (1997) corrobora, afirmando que mito e literatura desde as origens andaram ligados, não existe mito sem palavra. Os mitos indígenas e africanos, por exemplo, foram recolhidos por vários estudiosos e recriados por muitos escritores. Na literatura para adultos ou para crianças encontra-se a presença desses mitos. Afirma, ainda, que um dos caminhos mais fecundos para a renovação é o retorno às origens. Nesse sentido, o protagonista da história *Danton* assume plenamente seu estatuto de mensageiro de conhecimento para o público alvo da obra; ultrapassa a condição de mero personagem passivo e utiliza da busca de uma solução, e manifesta sua essência transformadora, ainda que de maneira sutil. Essa história é o palco para a manifestação de todo potencial expressivo, imaginário e fictício seja explorado, possibilitando formas e outras experiências com a realidade a partir de uma animação.

4 BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BAKHTIN, Michael. **Cultura popular na Idade Média**. São Paulo: Hucitec, 1987.

_____. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**, 4ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria-análise-didática**. São Paulo: Ática, 1997.

FERREIRA, A. B. H, 2008, **Dicionário Aurélio Escolar da Língua Portuguesa**, 7 ed., Editora Positivo, Curitiba, PR

GRIMM, Jacob. **Chapeuzinho Vermelho e outros contos de Grimm**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MÁRQUEZ, G. G. **Me alugo para sonhar**. Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, 2001.

NESTERIUK, Sérgio. **Dramaturgia de série de animação**. Animatv, 2011.

PALO, Maria José e OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura Infantil -Voz de Criança**. São Paulo: Ática, 2006.

PROPP, Vladimir. **As Raízes Históricas do Conto Maravilhoso**. Trad. Rosemary Costhek Abílio/Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Morfologia do Conto Maravilhoso**. Trad. Jasna P. Sarhan. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

QUEIROZ, Rachel. **Tangerine-girl**.

TELLES, Carlos Queirós. **Sete faces do conto de fadas**. Org. Márcia Kupstas. São Paulo: Moderna, 1993.

URBIM, Carlos. **Um guri daltônico**. Editora Tchê. 1984.

5 FILMOGRAFIA

Alice no País das Maravilhas (Alice in Wonderland -1951)

Alô, Amigos (Saludos Amigos -1943)

Aristogatas (The Aristocats -1970)

Bernado e Bianca na Terra dos Cangurus (The Rescuers Down Under - 1990)

Carros (Cars - 2006)

Monstros S.A. (Monsters Inc. - 2001)

Nem que a Vaca Tussa (Home on the Range - 2004)

Os Incríveis (The Incredibles - 2005)

Procurando Nemo (Finding Nemo - 2003)

Ratatouille (2007)

Toy Story - Um Mundo de Aventuras (Toy Story - 1995)

Toy Story 2 (1999)

Up- Altas Aventuras (Up - 2009)

Vida de Inseto (A Bug's Life - 1998)

Você Já Foi à Bahia? (The Three Caballeros - 1945)

Winnie the Pooh (2011)

Zoológico (Zoologic – 2001)

6 ANEXOS

DADOS DO ENTREVISTADO

1. Nome completo – **Cristiano Rodrigo Celso Ferreira**
2. Forma como quer ser creditado (primeiro nome e último sobrenome, somente os dois primeiros nomes) – **Cristiano Ferreira**
3. Data de nascimento – **17/06/1972**
4. Nacionalidade - **Brasileira**
5. Estado e cidade em que reside – **Itu/SP**
6. Sexo – Masculino / Feminino - **Masculino**
7. Profissão – **Supervisor de Logística**

PERGUNTAS

1. Com quantos anos descobriu ter daltonismo (a)?

Por volta dos 5/6 anos, fazendo trabalhos escolares, não conseguia distinguir as cores dos lápis de cor.

2. Como foi essa descoberta? (Relate a sua história)

Em trabalhos escolares de colorir, minha mãe me acompanhava, quando ela me dizia para pegar o lápis marrom eu pegava, por exemplo, o verde e vice-versa, daí fomos tendo esta atenção para a dificuldade de distinguir as cores, visto que eu tinha um tio que também era daltônico.

3. Você sabe exatamente qual é o seu tipo de daltonismo?

Mais ou menos, creio que sou daltônico para o verde, algo assim.

4. Você faz algum acompanhamento médico?

Não.

5. Descreva a sua visão em relação às cores como um daltônico (a).

É difícil descrever esta relação, visto que meu mundo não é preto e branco como todos imaginam. Eu vejo as cores, o meu problema é que elas se confundem, tons de verde são os mais difíceis para enxergar.

6. Já sofreu algum preconceito por ser daltônico (a)?

Não sei se seria preconceito, mas já fui eliminado de um concurso público por ser daltônico.

7. Como você se sente tendo sempre uma visão diferente das cores que são um elemento constantemente presente no cotidiano?

Já me acostumei, mas é chato, não falo para as pessoas sobre este assunto, os que sabem são realmente meus familiares.

8. O daltonismo já o prejudicou em algum momento na sua vida? Cite um exemplo. (Em alguma situação no emprego, com a família, com os amigos, na vida acadêmica ou em um relacionamento etc.)

Como citei acima, já perdi um concurso público especificamente por ser daltônico, passei em todas as etapas e fui eliminado no exame de vista por ser daltônico.

9. Como as pessoas próximas a você (familiares, amigos, parceiros e colegas) lidam com o fato de você ser daltônico (a)?

Levam na brincadeira, já ate me acostumei

10. Descreva características da sua infância enquanto daltônico (a). (Caso tenha descoberto o daltonismo desde criança).

Evitava sempre situações em que precisava identificar as cores.

11. Acredita que as pessoas (em geral) sabem o que é o daltonismo? Existe um espaço para divulgação e debate sobre o tema nas escolas, universidades e na mídia?

Não, no geral as pessoas não sabem e se espantam com o fato.

12. O que você acredita que deve ser feito para a inclusão e difusão desse tema?

Creio que este trabalho já é um grande passo na divulgação e entendimento das outras pessoas sobre o daltonismo.

DADOS DO ENTREVISTADO

1. Nome completo – **Marcelo Cruz**

2. Forma como quer ser creditado (primeiro nome e último sobrenome, somente os dois primeiros nomes) – **Marcelo Cruz**
3. Data de nascimento – **13/08/1984**
4. Nacionalidade - **Brasileira**
5. Estado e cidade em que reside – **Paraná/Colombo**
6. Sexo – Masculino / Feminino - **Masculino**
7. Profissão – **Engenheiro florestal**

PERGUNTAS

1. **Com quantos anos descobriu ter daltonismo (a)?**

Aos 15.

2. Como foi essa descoberta? (Relate a sua história)

No fim do segundo grau, durante uma aula de artes, estava colorindo algum desenho, não lembro bem sobre o que era. Pinte o sol de laranja, o tronco da árvore de vermelho, algo assim. A professora viu e compreendeu. Foi mostrando alguns objetos e perguntando qual era a cor, aí ela disse que eu era daltônico e explicou bem o que isso representava. Engraçado notar que até o segundo grau não encontrei uma única professora preparada para compreender um aluno daltônico em sua sala de aula, talvez até desconhecêssem o que é daltonismo.

3. Você sabe exatamente qual é o seu tipo de daltonismo?

Sim.

4. Você faz algum acompanhamento médico?

Não.

5. Descreva a sua visão em relação às cores como um daltônico (a).

Essa pergunta é difícil, sempre vi o mundo desse mesmo jeito. É muito subjetivo. Tenho dificuldades em vários momentos. Tenho deficiência para o verde-vermelho, isso não quer dizer que não consiga ver todos os tons de verde e vermelho ou todas as cores que deles resultam. Vejo um mundo com uma gama menor de cores que uma pessoa de visão normal, mas para descrever melhor a forma que vejo, teria de ter um comparativo, teria de pelo menos por alguns minutos na minha vida ter uma visão normal, aí conseguiria explicar exatamente como vejo e ser bem mais específico nessa questão.

6. Já sofreu algum preconceito por ser daltônico (a)?

Não, as pessoas não compreendem muito bem o daltonismo, tratam da questão sempre com um tom mais de dúvidas, querendo entender.

7. Como você se sente tendo sempre uma visão diferente das cores que são um elemento constantemente presente no cotidiano?

Tranquilo, às vezes posso ter algum problema na minha rotina, mas sei da minha “limitação”. Na faculdade, no trabalho, todos sabem do meu daltonismo, então, quando há qualquer coisa relacionada à cor, sempre querem saber a minha opinião, querem saber como ficará melhor para mim.

- 8. O daltonismo já o prejudicou em algum momento na sua vida? Cite um exemplo. (Em alguma situação no emprego, com a família, com os amigos, na vida acadêmica ou em um relacionamento etc.)**

Já sim, sempre quis fazer engenharia elétrica ou geologia, mas eram cursos que seriam um grande problema para mim. Acabei fazendo engenharia florestal. No fim das contas acabei passando por muitas dificuldades também, principalmente nas aulas de sistemática e em aulas de química, que era necessário identificar substâncias ou espécies arbóreas através da coloração de uma flor ou de uma substância. Há diversas histórias engraçadas pelas quais passei por ser daltônico, desde pegar ônibus errado, comprar roupas em cores erradas etc.

- 9. Como as pessoas próximas a você (familiares, amigos, parceiros e colegas) lidam com o fato de você ser daltônico (a)?**

Sem nenhum problema, claro que vão sempre fazer alguma piada, mas estão sempre dispostos a me ajudar, a mudar as coisas para deixar de uma forma que eu consiga visualizar. Até mesmo os professores da faculdade ajudam, todos são muito legais nessa parte, não posso reclamar.

- 10. Descreva características da sua infância enquanto daltônico (a). (Caso tenha descoberto o daltonismo desde criança).**

Só descobri já na adolescência. Lembro de em uma aula desenhar a bandeira do Brasil com lápis roxo e laranja, no lugar de azul e amarelo. Era semana da pátria, a professora, uma cretina, ignorante de plantão, achou que era um desrespeito meu para com a bandeira do meu país. Resultado: passei toda tarde na direção escrevendo o hino nacional. Sempre achei que tinha aprendido errado as cores, jamais imaginava que isso era algum tipo de deficiência.

11. Acredita que as pessoas (em geral) sabem o que é o daltonismo? Existe um espaço para divulgação e debate sobre o tema nas escolas, universidades e na mídia?

Poucas pessoas sabem, um exemplo foi que passei praticamente todo meu tempo na escola sem que nenhum professor soubesse que eu era daltônico, na verdade eles nem sabiam o que era daltonismo. Acho que esse tema precisa e deve ser melhor debatido. É ridículo um professor de artes não consiga identificar um aluno daltônico. Quanto antes uma pessoa descobrir que é daltônica, melhor para ela. Nunca vi um programa dedicado ao daltonismo, nunca vi nada na TV sobre isso. Nenhuma reportagem especial, nada.

12. O que você acredita que deve ser feito para a inclusão e difusão desse tema?

Falta informação, meu avô é daltônico, ele não sabe disso e ninguém vai discutir com ele sobre uma cor. Acho que os professores deveriam ter um treinamento maior, não que coubesse as escolas descobrir isso. É muito raro discutirem daltonismo, eu mesmo nunca vi esse tema ser abordado em algum tipo de mídia tradicional.

13. Esse último tópico fica livre para que você possa acrescentar algo sobre a sua vida como um daltônico (a) que não tenha sido questionado nas perguntas acima e que você julgue importante acrescentar, ou até mesmo descrever alguma história interessante.

A situação é sempre igual, você diz que é daltônico, inicialmente ninguém acredita, depois disso passam a perguntar a cor de qualquer objeto próximo ou em um raio de uns 100 metros. Normalmente acertarei a cor de várias coisas e errarei de outras, quando acerto já dizem que estou de sacanagem, que sei a cor das coisas e que estou brincando. Quando erro, dizem a mesma coisa. Depois de algum tempo ficam confusos tentando compreender como alguém não consegue ver da mesma maneira que eles e passam a discussão para um nível mais filosófico. É difícil para alguém de visão normal compreender como alguém não consegue ver que uma casca de árvore é marrom, quando você diz que é vermelha todos ficam perplexos. Já tive de explicar isso até para crianças, a reação é sempre a mesma, não importa a idade da pessoa. Decorei a cor real das coisas, dessa maneira consegui passar por toda escola sem problemas, não levava lápis de cor para as aulas e,

quando precisava pintar alguma coisa, pedia emprestado para meus colegas, dizia: pode me emprestar o lápis amarelo? Eles pegavam e me davam o amarelo. Quando, lá no segundo grau, descobri meu daltonismo, minha professora fez várias etiquetas nos lápis de cor, escrito a cor de cada um. É bom ser daltônico, mas gostaria de por pelo menos uns 2 minutos poder enxergar as coisas na visão de uma pessoa normal, mas apenas dois minutos.

DADOS DO ENTREVISTADO

1. Nome completo – **Adriano Senigalia**

2. Forma como quer ser creditado (primeiro nome e último sobrenome, somente os dois primeiros nomes) – **Adriano Senigalia**
3. Data de nascimento – **24/06/1981**
4. Nacionalidade - **Brasileira**
5. Estado e cidade em que reside – **Santo André/SP**
6. Sexo – Masculino / Feminino - **Masculino**
7. Profissão – **Operações de negócios**

PERGUNTAS

1. **Com quantos anos descobriu ter daltonismo (a)?**

Por volta dos 5 anos.

2. Como foi essa descoberta? (Relate a sua história)

Minha mãe era professora de educação infantil, sempre dava desenhos e exercícios para eu e meus irmãos brincarmos ou desenharmos para passar o tempo e deixar a pobre coitada descansar um pouco. Num desses desenhos ela percebeu que tinha algo de errado, um sol não era laranja ou verde, muito menos uma árvore com o caule vermelho ou verde, e as folhas de outras cores também, o mais estranho foi quando eu escolhi um tênis que briguei falando que era azul, porém era rosa. Como já tinha histórico na família de daltonismo (meu avô), minha mãe me levou ao oftalmologista e descobriu a deficiência.

3. Você sabe exatamente qual é o seu tipo de daltonismo?

Não lembro, porém não chega a ser tão grave quanto o do meu avô era, ele enxergava apenas branco e preto, eu consigo distinguir as cores primárias.

4. Você faz algum acompanhamento médico?

Não.

5. Descreva a sua visão em relação às cores como um daltônico (a).

Para ficar mais fácil de explicar, se você selecionar no seu micro a resolução para 16 cores, 24 cores, e por aí em diante eu não verei a diferença, apenas verei algo mais nítido, mas não há diferença nas cores. Dependendo da luz eu falo se é verde, marrom ou vermelho, ou se é azul, roxo, rosa ou verde, amarelo e laranja. Se for num dia não muito bom, que eu esteja mais nervoso, já percebi que a visão fica pior, vejo mais voltado para o branco e preto mesmo.

6. Já sofreu algum preconceito por ser daltônico (a)?

Algo grave não, mas quando alguém descobre que sou daltônico, a primeira pergunta é “que cor é essa?”, e não param mais de me perguntar a mesma coisa durante horas.

7. Como você se sente tendo sempre uma visão diferente das cores que são um elemento constantemente presente no cotidiano?

Normal, nunca parei para me preocupar com isso.

- 8. O daltonismo já o prejudicou em algum momento na sua vida? Cite um exemplo. (Em alguma situação no emprego, com a família, com os amigos, na vida acadêmica ou em um relacionamento etc.)**

Já sofri com muitas de trânsito onde não percebi que o farol estava vermelho, ou a cor estava muito clara ou estava mais escuro que o normal, e sempre foi à noite. Na escola também para provar para uma professora que eu era daltônico, minha mãe precisou conversar com a professora para explicar.

- 9. Como as pessoas próximas a você (familiares, amigos, parceiros e colegas) lidam com o fato de você ser daltônico (a)?**

Normal, pois já tínhamos histórico na família.

- 10. Descreva características da sua infância enquanto daltônico (a). (Caso tenha descoberto o daltonismo desde criança).**

Nunca tive problemas por ser daltônico, que eu me lembre, mas tinham dias que eu ficava de saco cheio quando a molecada ficava me perguntando "que cor é essa?", e quando a professora não acreditou em mim.

- 11. Acredita que as pessoas (em geral) sabem o que é o daltonismo? Existe um espaço para divulgação e debate sobre o tema nas escolas, universidades e na mídia?**

Descobri ao longo do tempo que muitas pessoas são daltônicas mesmo com um grau mais leve o meu, mas não sabem. Creio que seria interessante sim ter mais divulgação, pois para dirigir mesmo, nunca vi perigo, apenas os faróis que são a preocupação à noite. Para solucionar esse problema bastaria apenas trocar a forma da luz (quadrado, triângulo e círculo), fora isto não vejo problema algum, inclusive daltônicos enxergam melhores os detalhes de formas que pessoas sem a deficiência. A não ser que a pessoa trabalhe com moda, paisagismo, design gráfico, etc.

- 12. O que você acredita que deve ser feito para a inclusão e difusão desse tema?**

Não apenas para daltonismo, mas para todos os tipos de deficiência deveriam ser tratados dentro das escolas, para que desde pequeno a população seja conscientizada que uma deficiência não significa ser incapaz.

13. Esse último tópico fica livre para que você possa acrescentar algo sobre a sua vida como um daltônico (a) que não tenha sido questionado nas perguntas acima e que você julgue importante acrescentar, ou até mesmo descrever alguma história interessante.

No meu ensino técnico eu e mais um amigo que também era daltônico tínhamos uma prova especial por conta da deficiência, precisávamos ver as cores para falar qual a resistência de um resistor (componente eletrônico), como não víamos as cores, e professor aceitava que medíssemos a resistência e colocássemos as cores ao invés de informá-las e o valor (fazíamos o processo contrário).

Teve uma situação engraçada quando era técnico, ainda na adolescência, que eu havia marcado a sequência de cores de um cabo de um conector, havia marcado que a primeira cor era vermelha, e informei para outro técnico que ele tinha que começar pela cor vermelha (o outros fios da sequência não tinha como errar, apenas precisava saber a primeira cor para não errar o resto), ele perdeu 1 hora para ver que a cor era marrom e não vermelho e eu brigava com ele falando que era vermelho. A máquina era uma caixa dispensador de dinheiro, portanto corríamos risco de ser roubados, mesmo com segurança em volta da gente. A sorte que o outro técnico não trocou as cores também e esperou eu chegar para verificar, caso o contrario ele poderia ter queimado a máquina (que não é barata).

No caso da professora não ter acreditado que eu era daltônico, não foi um fardo tão grande, pois eu também não era uma criança muito confiante quando tinha meus 12 anos. Mas eu havia discutido com ela bastante para provar que era daltônico, mas mesmo assim minha mãe precisou ir conversar com ela para provar. Meus outros dois irmãos que também estudaram com a mesma professora "sofreram" depois, pois ela os questionava direto se eles também eram ou não daltônicos.

DADOS DO ENTREVISTADO

1. Nome completo – **Francisco Eduardo Alberto de Siqueira Garcia**

2. Forma como quer ser creditado (primeiro nome e último sobrenome, somente os dois primeiros nomes) – **Francisco Garcia**
3. Data de nascimento – **15/02/1991**
4. Nacionalidade - **Brasileira**
5. Estado e cidade em que reside – **Mogi das Cruzes/SP**
6. Sexo – Masculino / Feminino - **Masculino**
7. Profissão – **Estudante**

PERGUNTAS

1. **Com quantos anos descobriu ter daltonismo (a)?**

Desde de criança, por volta dos 7-8 anos.

2. **Como foi essa descoberta? (Relate a sua história)**

Desde criança eu sempre tive dificuldade com cores. Sempre perguntava as cores para minha mãe e minha irmã. Quando foi ao oftalmologista minha mãe comentou e ele fez o teste, constatando que era daltônico.

3. Você sabe exatamente qual é o seu tipo de daltonismo?

Tricromacia anomala.

4. Você faz algum acompanhamento médico?

Não.

5. Descreva a sua visão em relação às cores como um daltônico (a).

Dentre as cores que não consigo identificar está o roxo. Para mim todas as tonalidades de roxo são azul. Além disso, tenho muito dificuldade com verde – quase todas as tonalidades para mim são amarelo, e tenho dificuldades ainda com o rosa, vermelho e marrom.

6. Já sofreu algum preconceito por ser daltônico (a)?

Não, apenas brincadeiras de mau gosto.

7. Como você se sente tendo sempre uma visão diferente das cores que são um elemento constantemente presente no cotidiano?

Sinto-me uma pessoa normal, apenas com uma limitação. Às vezes fico irritado com as brincadeiras, mas é tudo passageiro.

8. O daltonismo já o prejudicou em algum momento na sua vida? Cite um exemplo. (Em alguma situação no emprego, com a família, com os amigos, na vida acadêmica ou em um relacionamento etc.)

Como eu sou designer então eu tenho sempre que ter uma pessoa do meu lado ajudando a escolher as melhores combinações de cores. Tirando isso, esse problema nunca causou algo mais sério.

9. Como as pessoas próximas a você (familiares, amigos, parceiros e colegas) lidam com o fato de você ser daltônico (a)?

Meus familiares ajudam com as combinações de roupas e cores para fazer os meus trabalhos. Meus amigos também ajudam, só que às vezes existem uns engraçadinhos que gostam de fazer piadas.

10. Descreva características da sua infância enquanto daltônico (a). (Caso tenha descoberto o daltonismo desde criança).

A única coisa que consigo lembrar é que quando criança eu decorava o número dos lápis de cor para poder usá-los durante as atividades escolares.

11. Acredita que as pessoas (em geral) sabem o que é o daltonismo? Existe um espaço para divulgação e debate sobre o tema nas escolas, universidades e na mídia?

De um modo geral sim, elas sabem o que é, porém ainda existem dúvidas principalmente em relação as causas do daltonismo e os tipos, pois não é um assunto muito divulgado.

12. O que você acredita que deve ser feito para a inclusão e difusão desse tema?

Uma ótima solução foi desenvolvida pelo designer português, Miguel Neiva que projetou um código gráfico para daltônicos.

13. Esse último tópico fica livre para que você possa acrescentar algo sobre a sua vida como um daltônico (a) que não tenha sido questionado nas perguntas acima e que você julgue importante acrescentar, ou até mesmo descrever alguma história interessante.

Bom, ser daltônico não é um bicho de sete cabeças, somos pessoas normais assim como qualquer outra, apenas temos uma limitação. Assim como cada ser humano nesse mundo. Pesquisando encontrei essa frase num blog e achei muito legal e vou terminar com ela: “Se você é daltônico, não se aflija. Toda natureza é a prova de pura adaptação. Tudo é adaptação, seja em milhões de cores, ou com a total ausência delas.”

DADOS DO ENTREVISTADO

1. Nome completo – **Anderson Carvalho da Cruz**
2. Forma como quer ser creditado (primeiro nome e último sobrenome, somente os dois primeiros nomes) – **Anderson Cruz**

3. Data de nascimento – **12/02/1976**
4. Nacionalidade – **Brasileira**
5. Estado e cidade em que reside – **Mogi das Cruzes/SP**
6. Sexo – Masculino / Feminino – **Masculino**
7. Profissão – **Auxiliar docente**

PERGUNTAS

1. **Com quantos anos descobriu ter daltonismo (a)?**

Aproximadamente aos 16 anos.

2. **Como foi essa descoberta? (Relate a sua história)**

De maneira normal em atividades escolares com confusão na hora de usar cores.

3. Você sabe exatamente qual é o seu tipo de daltonismo?

Cientificamente não. Só sei que daltonismo é a incapacidade do ser humano em distinguir cores.

4. Você faz algum acompanhamento médico?

Não.

5. Descreva a sua visão em relação às cores como um daltônico (a).

Tenho dificuldade em distinguir verde de amarelo, azul de roxo, tons de rosa, lilás.

6. Já sofreu algum preconceito por ser daltônico (a)?

Não.

7. Como você se sente tendo sempre uma visão diferente das cores que são um elemento constantemente presente no cotidiano?

Não me afeta em nada.

8. O daltonismo já o prejudicou em algum momento na sua vida? Cite um exemplo. (Em alguma situação no emprego, com a família, com os amigos, na vida acadêmica ou em um relacionamento etc.)

Não.

9. Como as pessoas próximas a você (familiares, amigos, parceiros e colegas) lidam com o fato de você ser daltônico (a)?

Não percebem.

10. Descreva características da sua infância enquanto daltônico (a). (Caso tenha descoberto o daltonismo desde criança).

Não tenho nada a descrever.

11. Acredita que as pessoas (em geral) sabem o que é o daltonismo? Existe um espaço para divulgação e debate sobre o tema nas escolas, universidades e na mídia?

Sim.

12. O que você acredita que deve ser feito para a inclusão e difusão desse tema?

Não tenho opinião formada.

13. Esse último tópico fica livre para que você possa acrescentar algo sobre a sua vida como um daltônico (a) que não tenha sido questionado nas perguntas acima e que você julgue importante acrescentar, ou até mesmo descrever alguma história interessante.

Realmente posso dizer que tenho uma vida normal, só me detenho a ficar atento quando tenho que fazer uso das cores para não fazer confusões.

DADOS DO ENTREVISTADO

8. Nome completo – **Iverton Franklin de Oliveira**

9. Forma como quer ser creditado (primeiro nome e último sobrenome, somente os dois primeiros nomes) – **Iverton Franklin**

10.Data de nascimento – **04/08/1968**

11.Nacionalidade - **Brasileira**

12.Estado e cidade em que reside – **Olinda/PE**

13.Sexo – Masculino / Feminino - **Masculino**

14.Profissão – **Digitador**

PERGUNTAS

13. Com quantos anos descobriu ter daltonismo (a)?

Só tive certeza aos 22 anos quando fui fazer meu primeiro exame de vista para usar óculos. Isso aconteceu em 1990.

14. Como foi essa descoberta? (Relate a sua história)

Eu tinha dúvidas se era realmente daltônico. Quando pequeno eu sempre trocava as cores e enxergava coisas que ninguém via, por exemplo, quando o arco-íris aparecia no céu todos os meus colegas e irmãos começavam a dizer as cores. Eram muitas cores! Mas como se eu só enxergava duas? Eu dizia: “onde estão essas cores? Eu só vejo azul e amarelo!” Minha irmã mais velha, Tânia, gritava comigo dizendo: “Burro! Você é cego? Não está vendo? Você não é daltônico não!” E eu ficava todo embaraçado achando que era burro mesmo. Isso quase me deixou traumatizado. Não entendia o que ela queria dizer com a palavra daltônico. Eu sempre tinha dificuldade em tirar o lápis certo da caixa de lápis de cor. Quem me ajudava, e eu lembro com muito carinho, era minha irmã mais

nova, Tâmara. Era engraçado porque a Tâmara é quatro anos mais nova que eu, e na época eu tinha uns nove anos de idade e ela apenas cinco. Quando eu estava na primeira ou segunda série do ensino primário a professora pediu para desenharmos e pintarmos a bandeira do Brasil. A parte azul eu pinte de roxo! Quando a professora viu apenas riu e disse: “Ele pintou de roxo”. Novamente eu não entendi o que era roxo, pois para mim era azul escuro. Na adolescência eu tinha o costume de estourar as espinhas do rosto. Quando sangrava eu dizia à minha mãe: “Mãe, o meu sangue é verde!” e ela achava muito engraçado o que eu falava. Com mais idade, uns 24 anos, eu pedi à minha namorada Verônica que não usasse mais ‘aquele batom azul’, (diz ela que era rosa neon). Eu queria que ela usasse um vermelho. Numa ocasião especial ela estava de batom vermelho, mas eu não fiz nenhum comentário. Daí ela disse: “você não queria me ver de batom vermelho?” Eu respondi: “isso não é marrom?” Até hoje ela se lembra disto com um sorriso no rosto. Lembro ainda que na adolescência eu passei por um período de depressão em que enxergava tudo em tons de cinza. Na época do colégio usei por muito tempo um par de meias roxo jurando que era azul. Meus colegas caçoavam muito e eu não entendia o motivo.

15. Você sabe exatamente qual é o seu tipo de daltonismo?

O médico disse que eu tinha discromopsia ou cegueira acentuada para o verde e levemente para o vermelho. Mas também percebo que tenho alguma dificuldade para o azul, como foi o caso da bandeira. Só há poucos anos descobri que o céu noturno também é azul. Para mim sempre foi negro.

16. Você faz algum acompanhamento médico?

Não, nunca fiz. Apenas obtive alguma informação quando fui diagnosticado como daltônico. Na época o médico disse brincando que eu tinha um “defeito de fábrica”.

17. Descreva a sua visão em relação às cores como um daltônico (a).

Vou responder o que eu entendi da pergunta: é meio complicado dizer. Sempre troco muitas cores. Vejo o sangue verde, olhos castanhos, vejo vermelhos, árvores marrons, e o sinal de trânsito vejo assim: vermelho=laranja ou amarelo; amarelo=amarelo; verde=amarelo ou branco, depende do meu estado de ânimo, ou da hora. Das 11h às 13h

não enxergo nada! É como se o sinal estivesse apagado. Mas não se preocupe. Sou habilitado, mas não tenho automóvel. Às vezes creio ver detalhes nas cores que uma pessoa normal não conseguiria.

18. Já sofreu algum preconceito por ser daltônico (a)?

Só quando criança por parte da minha irmã. Quando entendi o que é ser daltônico sempre falei aos meus amigos e eles acham engraçado e até interessante. Alguns já disseram que queriam ser daltônicos por um dia. A maioria deles até me ajuda em caso de dificuldade. Quem me veste é minha esposa. Seria um desastre se eu comprasse as minhas roupas sozinho!

19. Como você se sente tendo sempre uma visão diferente das cores que são um elemento constantemente presente no cotidiano?

Levo tudo na esportiva. Brinco muito com isso. Sei que é algo incurável e tiro proveito da situação. Considero-me alguém privilegiado. Porém, às vezes me sinto triste por não enxergar o que todo o mundo enxerga. Tenho inveja das pessoas por elas verem algo e logo dizerem “olha aquele carro verde ali como é bonito!” Eu demoro muito para definir uma cor, e quando faço isso, quase sempre erro.

20. O daltonismo já o prejudicou em algum momento na sua vida? Cite um exemplo. (Em alguma situação no emprego, com a família, com os amigos, na vida acadêmica ou em um relacionamento etc.)

Creio que o que relatei acima já responde um pouco. Quando eu trabalhava no almoxarifado da empresa Antarctica em 1996, o meu chefe pediu para eu pegar uma caixa verde em cima duma prateleira. Demorei muito para pegar a caixa e só a encontrei porque ele disse a posição em que ela estava. Não deixei que a chefia descobrisse que eu era daltônico. Acredito que eles me demitiriam se soubessem.

21. Como as pessoas próximas a você (familiares, amigos, parceiros e colegas) lidam com o fato de você ser daltônico (a)?

Eles entendem, acham engraçado e curioso, alguns pregam peças comigo. Mas são legais e me ajudam.

22. Descreva características da sua infância enquanto daltônico (a). (Caso tenha descoberto o daltonismo desde criança).

Uma infância normal, apesar das dificuldades com as cores. Nada que seja importante relatar.

23. Acredita que as pessoas (em geral) sabem o que é o daltonismo? Existe um espaço para divulgação e debate sobre o tema nas escolas, universidades e na mídia?

De jeito nenhum! Até mesmo os médicos de outras áreas não sabem o que é daltonismo. Muitos ainda desconhecem o problema, (minha professora foi um exemplo). Se os pais soubessem deste problema ajudariam seus filhos a lidar melhor com isso. Os professores têm uma parte muito importante neste assunto, eles podem identificar desde cedo se um menino é daltônico usando objetos de variadas cores. A mídia ignora o problema. Quando falam sobre o assunto é apenas numa pequena nota. Creio que até o governo deveria dar alguma atenção a este caso. Ele pode ser muito sério! Boa parte dos daltônicos nem sabem que o são. Acidentes podem ser evitados com informações sobre o daltonismo. Enfermeiros com uma visão normal podem identificar melhor problemas num paciente. Acho boa a ideia de debates.

24. O que você acredita que deve ser feito para a inclusão e difusão desse tema?

Uma maior divulgação sobre assunto, e que nas escolas esse tema fosse incluído de alguma maneira. E que mais “Gléssias Veras” [*diz referindo-se ao projeto do roteiro*] existissem para nos entender e ajudar.

25. Esse último tópico fica livre para que você possa acrescentar algo sobre a sua vida como um daltônico (a) que não tenha sido questionado nas perguntas acima e que você julgue importante acrescentar, ou até mesmo descrever alguma história interessante.

Como sou alguém que lê e estuda muito procurei entender o que se passa comigo. Descobri que o problema quase sempre vem de gerações alternadas de varões, ou seja, avô depois neto. Meu pai lembra que o meu avô trocava as cores dos objetos. Não o conheci, mas recebi um legado dele. Descobri que muitas pessoas têm o mesmo problema que eu, tenho dois amigos daltônicos, sei que não estou sozinho. Gostaria que muita coisa fosse mudada, como o formato das luzes do sinal de trânsito. Alguns programas de computador deveriam vir com o nome ao lado da cor. Os daltônicos não deviam ser proibidos de dirigir. Tenho mais cuidado em dirigir do que as pessoas normais. O governo deveria fazer mais. As empresas poderiam fazer mais informando e criando alternativas para os daltônicos.

Ouvi falar que existe nos EUA um tipo de óculos para daltônicos e que custa muito caro. Isso é verdade? As universidades deveriam orientar professores e alunos. As igrejas também deveriam fazer sua parte. Só vi as Testemunhas de Jeová tratar com muita seriedade sobre o assunto na sua revista *Despertai!* Edição de 22 de fevereiro de 1991 e julho de 2007. Tudo o que sei aprendi ali.